

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA

O NÃO ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS NA FALA DE CURITIBA SOB A
PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA QUANTITATIVA

LARISSA LIMEIRA

ORIENTADORA: DRA. GISELA COLLISCHONN

Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre no Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

PORTO ALEGRE

2013

LARISSA LIMEIRA

O NÃO ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS NA FALA DE CURITIBA SOB A
PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA QUANTITATIVA

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Gisela Collishonn

PORTO ALEGRE

2013

AGRADECIMENTOS

A Deus, que em meio a bilhões de pessoas nesse planeta, escolheu-me para o convívio de algumas das quais tenho muito orgulho de dividir essa existência.

A Roberto e Maria das Dores, que mais do que simplesmente pais, são meus melhores amigos e sempre vibraram com cada pequena conquista da minha vida, proporcionando-me educação, estudo, condições e incentivo para todos os meus projetos.

Ao meu "rimão" Gil, que foi desejado por mim antes mesmo de vir ao mundo.

Ao meu marido Márcio, pela paciência, compreensão, companheirismo e apoio sempre presentes em cada escolha da minha vida profissional.

A minha orientadora, professora Gisela Collischonn, minha fonte de motivação, por me fazer acreditar, em cada encontro de orientação, que era possível.

À professora Valéria Monaretto, pelas aulas de Teoria da Variação, as quais inspiraram esse trabalho.

Aos meus colegas de trabalho, pela força e pela cobrança necessárias.

Aos colegas do curso, pelo apoio e parceria nos estudos.

E, em especial, à minha segunda família, Jorge, Adriana, Luíza e Rodrigo, meus queridos amigos de Curitiba, que são um presente de Deus na minha vida e que primeiro ajudaram a plantar a "sementinha" desse mestrado.

RESUMO

Este trabalho se propõe a estudar o comportamento das vogais médias /e/ e /o/, em pauta pretônica, postônica e nos clíticos, na fala de uma amostra dos habitantes de Curitiba, usando como base a teoria da sociolinguística quantitativa, desenvolvida por Labov. O fenômeno de alçamento das vogais médias é bastante estudado na variação linguística do português brasileiro e o interesse em investigar esse comportamento na cidade de Curitiba é justificado pelo baixo índice de aplicação da elevação nos informantes dessa cidade, observada em estudos como os de Vieira (2002 e 2009). Esses estudos mostram que em Curitiba, os falantes contrariam uma tendência de variação linguística identificada e categorizada nas demais cidades do Brasil. A reduzida aplicação da regra variável de elevação das vogais médias átonas postônicas na comunidade de fala de Curitiba, distingue-a das demais capitais da região sul e a aproxima de algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul. No trabalho de Schwindt (1995), Curitiba também recebe destaque por apresentar valores diferenciados das demais capitais da região Sul do Brasil, em relação à harmonia vocálica. Acreditamos que esse comportamento esteja motivado por fatores sociolinguísticos daquela comunidade; nesse sentido, nossa análise observa fatores tais como escolaridade, sexo e/ou idade. O trabalho é uma análise separada do comportamento variável das vogais médias em três contextos distintos: na posição pretônica (pedido, entede, moinho, domingo, expresso, etc...); nos clíticos (que, se, do, com); e na posição postônica (porque, vinte, exatamente, sabe, quanto, mendigo, expresso, exato). Diferentemente de outras análises do comportamento variável das vogais médias, a nossa análise foca a não elevação das vogais médias em contextos em que a elevação poderia ser esperada. Para essa pesquisa foram levantadas todas as ocorrências de vogais médias de 12 informantes do banco do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil). Para que fosse construída uma amostragem equilibrada, que permitisse investigar a influência das variáveis sociais no comportamento linguístico, privilegiou-se a seleção de igual número de informantes, no que concerne à categorização por sexo e faixa etária, porém, quanto ao fator escolaridade, a amostra contém uma pequena diferença de números de informantes no ensino fundamental e no ensino médio. A análise baseia-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação, modelo teórico também conhecido por Sociolinguística Quantitativa, desenvolvido por Labov e colaboradores, que postula a sistematicidade dos fenômenos variáveis bem como a existência de uma relação entre as variantes linguísticas e a comunidade de fala.

Baseado em resultados de levantamentos anteriores, este trabalho analisou, de forma oitiva, o percentual de não alçamento das vogais médias pretônicas, postônicas e nos clíticos. Constatamos que este percentual é diferente, as taxas de não alçamento das vogais médias são maiores nas postônicas e nos clíticos do que nas pretônicas. Associamos estas diferenças ao papel de condicionantes linguísticos, por exemplo, a ocorrência de harmonia vocálica nas vogais pretônicas. Constatamos também que os fatores extralinguísticos, como idade, sexo e escolaridade são importantes condicionadores da variação tanto em clíticos, quanto nas pretônicas e postônicas. Os percentuais de preservação das vogais médias pretônicas em nossa análise são maiores na vogal /o/, do que na vogal /e/ nas pretônicas e nos clíticos, mas não nas postônicas, nas quais a vogal /e/ favorece mais a não elevação. Nas postônicas, a vogal /e/ é responsável por 70% de não elevação, contra 62% da vogal /o/, demonstrando que a preservação das vogais médias nessa posição é maior do que em pretônicas e em clíticos. Nestes últimos, os percentuais não diferem tanto entre /e/ e /o/ e esses valores permitem inferir que, nessa comunidade de fala, diferente do que foi observado em análises de outras

localidades, os clíticos não apresentam tendência de elevação. Observamos também que os informantes apresentam um comportamento sistemático, no sentido de que aqueles que elevam menos o fazem em todos os contextos e aqueles que elevam mais também o fazem em todos os contextos, o que mostra que há um denominador comum por trás de processos considerados de distinta natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística; Fonologia; Alçamento de Vogais Médias; Análise Quantitativa; Projeto Varsul.

ABSTRACT

*ABSTRACT: This dissertation addresses the behavior of the mid-vowels / e / and /o/ in the pretonic, postonic and clitics position in the speech of the inhabitants of Curitiba, based on the quantitative sociolinguistic theory developed by Labov. The mid-vowel raising phenomenon has been studied extensively in Brazilian Portuguese, and the interest to investigate the behavior in the city of Curitiba is justified by the low rising rate of the informants of that community, observed by Vieira (2002 and 2009) and Schwindt (1995). The studies have shown that in Curitiba, the speakers contradict a trend of linguistic variation identified and classified in other cities in Brazil. The low or null application of this variable rule, particularly in the speech communities of Curitiba and some towns in the countryside of Rio Grande do Sul, may be an indication that this behavior has been motivated by sociolinguistic factors such as geographic location, education, gender and / or age. The study is an analysis of the variable behavior of the mid-vowels in words such as: *pedido, entende, moinho, domingo, expresso, etc...*; clitics (*que, se, do, com*). It aims to understand which conditioning factors (social and linguistic variables) are part of this phenomenon. For this research all mid-vowel occurrences of 12 informants from Projeto VARSUL Data Bank (*Variação Linguística do Sul do Brasil*) have been taken into consideration. In order to build a balanced sample, which allows us to investigate the influence of social variables in linguistic behavior, we focused on the selection of an equal number of respondents, who were categorized by sex, age and education. The theoretical model used to explain the phenomenon studied was the Theory of Variation, also known as *Quantitative Sociolinguistics*, developed by Labov and colleagues, which postulates the existence of a relationship between the variants and the speech community. Based on results from previous surveys, this study examined the percentage of non uprising of the middle unstressed vowels, postonics and clitics. We note that this percentage is different, rates of non uprising of mid vowels are higher in postonics and clitics than in unstressed. These differences associate constraints to the role of language, for example, the occurrence of unstressed vowel harmony vowel. We also note that extralinguistic factors such as age, gender and education are important conditioners of the variation in both clitics, as in unstressed and postonics. The percentage of preserving middle unstressed vowels in our analysis are higher in the vowels /o/, than in vowels /e/ in unstressed and /and clitics, but not in postonics, in which the vowel / e / favors more the lack of elevation. In postonics, the vowel /e/ is responsible for 70% of non rise, against 62% of the vowel / o /, demonstrating that the preservation medium of the vowels in this position is greater than in unstressed and clitics. In the latter, the percentages do not differ much between /e/ and /o/ and these values allow us to infer that in this speech community, unlike what was observed in analyzes of other locations, clitics do not show a tendency to increase. We also noticed that the informants present a systematic behavior, in the sense that those who make the least amount in all contexts and those that raise more do as well in all contexts, which shows that there is a common denominator behind the processes considered of different nature.*

KEYWORDS: Linguistics Variation; Phonology; Mid- rising Vowels; Quantitative Analysis, Varsul Project.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CONCEPÇÃO FONOLÓGICA.....	15
2.1 <i>O Sistema Vocálico do Português Brasileiro</i>	15
2.2 <i>A Variação das Vogais médias /e/ e /o/ no Sul do Brasil</i>	18
2.2.1 <i>Variação em Pauta Pretônica</i>	19
2.2.2 <i>Variação em Pauta Postônica</i>	22
2.2.3 <i>Variação em Clíticos</i>	24
3 TEORIA DA VARIAÇÃO	30
3.1 <i>Variação Linguística</i>	30
3.1.2 <i>Análise da Regra Variável</i>	33
3.1.3 <i>Mudança Linguística</i>	34
3.2 <i>Comunidade de Fala</i>	36
4 IMIGRAÇÃO EM CURITIBA.....	38
5 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	43
5.1 <i>Constituição da Amostra</i>	43
5.2 <i>Corpus</i>	45
5.3 <i>Seleção das Ocorrências (Variáveis)</i>	45
5.3.1 <i>Variável dependente</i>	45
5.3.2 <i>Variáveis independentes</i>	46
5.3.2.1 <i>Variáveis Linguísticas</i>	46
5.3.2.2 <i>Variáveis Extralinguísticas</i>	48
5.4 <i>Codificação dos Contextos e Ferramentas Estatísticas</i>	49
6 ANÁLISE E RESULTADOS.....	58
6.1 <i>Geral</i>	58
6.2 <i>Por Fenômeno</i>	61
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
9 ANEXOS.....	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução Populacional no Paraná	39
Gráfico 2 – Pirâmide Etária	39
Gráfico 3 - Percentuais gerais de não elevação	58
Gráfico 4 - Comportamento informantes vogal média /e/	59
Gráfico 5 – Comportamento informantes vogal média /o/	59
Gráfico 6 - Informantes ordenados por idade (vogal /e/)	60
Gráfico 7 - Informantes ordenados por idade (vogal /o/)	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição da Amostra	43
Quadro 2 – Seleção da Amostra de informantes	44
Quadro 3 – Codificação das variáveis	50 e 51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Janela principal do Goldvarb 2001.....	52
Figura 2 - Janela <i>tokens</i>	53
Figura 3 - Importação de dados digitados.....	53
Figura 4 - Grupos de Fatores.....	54
Figura 5 - Checagem de fatores.....	54
Figura 6 - <i>Check Tokens</i>	55
Figura 7 – Resultados.....	55
Figura 8 – Condições.....	56
Figura 9 – <i>knock-outs</i>	56
Figura 10 – Rodadas.....	57
Figura 11 - Leitura das rodadas.....	57
Figura 12 - Leitura das rodadas.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Idade - pretônicas /e/.....	61
Tabela 2 – Contexto precedente - pretônicas /e/.....	62
Tabela 3 – Contexto seguinte - pretônicas /e/.....	62
Tabela 4 – Idade - pretônicas /o/.....	64
Tabela 5 – Escolaridade - pretônicas /o/.....	65
Tabela 6 – Contexto Precedente - pretônicas /o/.....	65
Tabela 7 – Contexto seguinte - pretônicas /o/.....	66
Tabela 8 – Acento na vogal alta - pretônicas /o/.....	66
Tabela 9 – Idade - postônicas /e/.....	68
Tabela 10 – Escolaridade – postônicas /e/.....	68
Tabela 11 – Contexto Precedente – postônicas /e/.....	69
Tabela 12 – Contexto vocálico – postônicas /e/.....	69
Tabela 13 – Tipo de sílaba – postônicas /e/.....	69
Tabela 14 – Idade – postônicas /o/.....	71
Tabela 15 – Escolaridade – postônicas /o/.....	71
Tabela 16 – Contexto precedente – postônicas /o/.....	71
Tabela 17 – Tipo de sílaba – postônicas /o/.....	72
Tabela 18 – Posição da vogal média na palavra – postônicas /o/.....	72
Tabela 19 – Clítico /e/.....	74
Tabela 20 – Idade – clítico /e/.....	75
Tabela 21 – Escolaridade – clítico /e/.....	75
Tabela 22 – Sexo – clítico /e/.....	76
Tabela 23 – Contexto precedente – clítico /e/.....	76
Tabela 24 – Clítico /o/.....	77
Tabela 25 – Idade – clítico /o/.....	78
Tabela 26 – Escolaridade – clítico /o/.....	79
Tabela 27 – contexto precedente – clítico /o/.....	79
Tabela 28 – Escolaridade 2 – clítico /o/.....	80
Tabela 29 – <i>Cross Tabulation</i> de fatores clíticos X contexto precedente	88

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho estuda o comportamento das vogais médias /e/ e /o/, em pauta pretônica, postônica e nos clíticos, na fala de habitantes de Curitiba, usando como base a Teoria da Variação ou sociolinguística quantitativa, desenvolvida por Labov. O fenômeno de alçamento das vogais médias é bastante estudado na variedade do português brasileiro e o interesse em investigar esse comportamento na cidade de Curitiba é justificado pelo fato do alto índice de não aplicação da elevação nos informantes dessa cidade, observada em estudos como o de Vieira (2002 e 2009), em contextos de vogais postônicas.¹ Esses estudos mostram que em Curitiba, os falantes contrariam uma tendência de variação linguística identificada e categorizada nas demais capitais da região sul e em outras cidades de outras regiões do Brasil. No caso das vogais pretônicas, essa cidade se destaca pela alta elevação motivada por harmonia vocálica, como apresentado no estudo de Schwindt (1995). Outro fator que motivou estudar essa comunidade de fala foi o fato de ter residido, por sete anos, em Curitiba e observado *in loco*, as marcas linguísticas como identidade cultural de seus habitantes. As aulas da disciplina de Teoria da Variação, durante o mestrado, despertaram para o interesse em estudar as diferenças de aplicação dessa regra variável. Principalmente entre as comunidades de fala de Curitiba e de algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul, pois podem ser um indício de que esse comportamento esteja motivado por fatores sociolinguísticos como a localização geográfica, escolaridade, sexo e/ou idade. O trabalho que desenvolvemos é uma análise do comportamento variável das vogais médias, com olhar focado para os índices de não alçamento dessas vogais, em palavras como: *pedido*, *entede*, *moinho*, *domingo*, *gente*, *noite*, *alegre*, *perto*, *chove*, *expresso*, *lanchonete*, *livre*, etc...; nos clíticos (*que*, *se*, *do*, *com*); e nas postônicas (*vinte*, *exatamente*, *sabe*, *quanto*, *mendigo*, *expresso*, *exato*), o qual se propõe a entender que fatores condicionantes (variáveis sociais e linguísticas) estão implicados no fenômeno.

A peculiaridade do sotaque curitibano é destacada em diversas passagens da literatura e da história da cidade, no artigo "Curitiba, a fria" do jornalista Fernando Pessoa Ferreira², em

¹ Segundo observação da Profa. Loremi Loregian-Penkal, a não elevação das vogais átonas finais consiste em um "xibolete", ou seja, uma pronúncia que distingue as pessoas de Curitiba das de outras localidades ou regiões, e que é alvo de gozação, como em "Leit[e] quente[e] dói o dente[e] da gente[e]".

² in MENDONÇA, Dante. Curitiba Melhores Defeitos Piores Qualidades. Bernúncia Editora, Florianópolis 2009.

que se afirma, sobre o sotaque, que se caracteriza pela acentuação das vogais, indiscriminadamente. Por exemplo: 'quero tomar um copo de Leite bem quente'.

Essa "acentuação" das vogais descrita pelo jornalista, na verdade, trata-se do fenômeno que será estudado neste trabalho, que é o não alçamento ou a preservação das vogais médias, no falar dos habitantes da cidade. Por ser considerada fria, reservada, exigente e menos receptiva a "aparatos propagandísticos", como tenta explicar Albuquerque (1998, p. 146), a capital paranaense pode estar imprimindo certa resistência, também, à variação linguística identificada no restante do país. Essa influência social no comportamento da língua é um dos objetos de investigação desse estudo.

Para essa pesquisa, foram levantados todos os contextos em vogais médias na fala de 12 informantes da amostra base do banco do projeto VARSUL (Variação Linguística do Sul do Brasil). Para que fosse construída uma amostragem equilibrada, que permitisse investigar a influência das variáveis sociais no comportamento linguístico, privilegiou-se a seleção de igual número de informantes, no que concerne à categorização por sexo, faixa etária e escolaridade.

O modelo teórico utilizado para explicar o fenômeno estudado foi o da Teoria da Variação, modelo teórico também conhecido por Sociolinguística Quantitativa, desenvolvido por Labov e colaboradores, que postula a existência de uma relação entre as variantes linguísticas e a comunidade de fala. Nesse modelo, a variação linguística nunca pode ser considerada livre, pois existem fatores extralinguísticos que influenciam a aplicação ou não aplicação de uma determinada regra variável.

Baseado em resultados de levantamentos anteriores, este trabalho tem como objetivos: i) verificar o percentual de não alçamento das vogais médias pretônicas, postônicas e clítics, em Curitiba; ii) identificar, nos casos de alçamento das vogais médias, se os fatores linguísticos controlados podem representar influência de harmonia vocálica; iii) verificar se os clítics apresentam comportamento diferenciado das pretônicas e postônicas, com relação ao não alçamento das vogais médias; iv) analisar quais fatores extralinguísticos controlados, como: idade, sexo e escolaridade estão interferindo nas ocorrências de variação; e v) verificar como um mesmo informante se comporta com relação a estes fenômenos, isto é, se eleva ou não eleva as vogais tanto pretônicas, quanto postônicas e clítics.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa está orientada pelas seguintes questões: (a) quais os percentuais de não alçamento das vogais médias /e/ e /o/ em cada fenômeno? (b) que

variáveis linguísticas - *contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, presença de vogal alta na palavra posterior, acento na vogal alta, tipo de sílaba e posição da vogal média na palavra, tipo de clítico*, influenciam o não alçamento das vogais médias? (c) que variáveis sociolinguísticas - *idade, sexo e escolaridade*, interferem no fenômeno estudado? (d) existem diferenças significativas no comportamento de um mesmo indivíduo no que se refere à elevação ou não elevação das vogais médias em sílabas pretônicas, postônicas e nos clíticos?

Este trabalho está dividido em sete capítulos, sendo o primeiro a introdução, e o último o das considerações finais. No segundo capítulo é apresentada a perspectiva fonológica a respeito da elevação das vogais médias no português brasileiro (PB), a variação do /e/ e do /o/ no sul do país e, especialmente, o comportamento das vogais médias em Curitiba, balizado por resultados de trabalhos anteriores. No terceiro, encontram-se os principais conceitos da teoria variacionista, mostrando a análise da regra variável e a mudança linguística, além do conceito de comunidade de fala. No quarto capítulo, o trabalho resgata as características da comunidade de fala estudada, trazendo um histórico sobre a formação da população de Curitiba, com dados demográficos atuais e também da época em que foi feita a coleta de dados do projeto VARSUL, entre 1990 e 1992. O quinto capítulo traz a formatação metodológica, desde a constituição da amostra, corpus, seleção das variáveis, codificação dos contextos e ferramenta de análise. O sexto capítulo expõe os resultados gerais e selecionados por fenômeno, bem como alguns comparativos com outros trabalhos e busca averiguar se as hipóteses iniciais levantadas foram comprovadas.

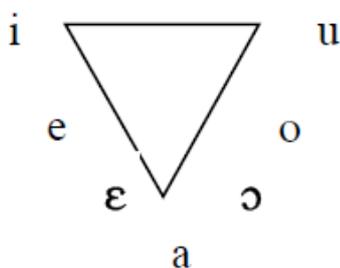
2. CONCEPÇÃO FONOLÓGICA

Neste capítulo, é apresentada a perspectiva fonológica a respeito das vogais médias do português, na qual repousa o presente estudo. A nossa apresentação parte da interpretação de Câmara Jr. sobre o sistema vocálico do português brasileiro. Em seguida, consideramos as propostas de distinção deste sistema em termos de traços distintivos, primeiramente dentro de uma perspectiva linear e, depois, numa perspectiva não linear, autosegmental. A nossa breve revisão baseia-se no capítulo de Battisti e Vieira (2011), que sistematiza uma série de trabalhos de diferentes autores, bem como na retomada destas questões em Bisol (2003), que destaca o papel do acento nos diversos processos de redução do sistema das vogais médias. A nossa revisão destes trabalhos dará destaque para os conceitos de contraste e de neutralização.

2.1 O Sistema Vocálico do Português Brasileiro

Os fenômenos analisados neste trabalho podem ser caracterizados grosso modo como não elevação das vogais médias /e/ e /o/ átonas, seja na posição pretônica, seja na postônica, seja nos clíticos. Embora, foneticamente, a elevação seja muito semelhante em cada uma das pautas, há diferenças no que concerne ao seu papel fonológico. Para caracterizar essas diferenças, partiremos da análise de Câmara Jr. (1977).

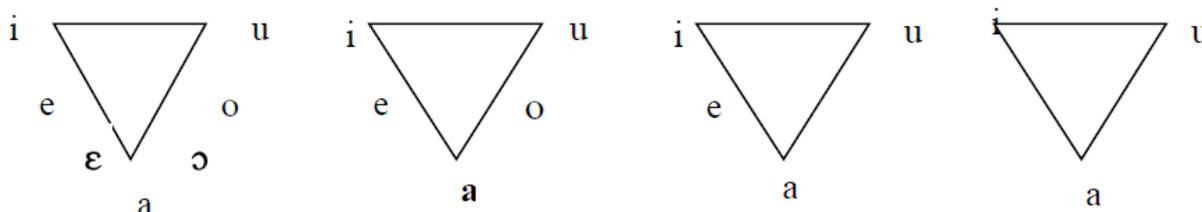
Sistema vocálico na posição tônica



O sistema vocálico de sete vogais fica reduzido nas sílabas átonas, pois certas posições são suprimidas. Tal redução foi interpretada por Câmara Jr. (1970) como neutralização, ou seja, a perda de contraste, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica. Ex.: Caf[ɛ] – caf[e]teira, b[ɛ]lo – bel[e]za, s[ɔ]l – s[o]lço. Para Câmara Jr., em posição postônica final, dá-se a neutralização entre vogais médias e as altas, resultando um sistema de três vogais. Já em posição postônica não final, segundo Câmara Jr., a oposição entre /e/ e /i/ seria mantida, mas não a oposição entre /o/ e /u/.

Em decorrência da neutralização das vogais médias, emergem três subsistemas, com cinco /a e i o u/, quatro /a e i u/ e três vogais /a i u/, nas posições pretônica, postônica não final e postônica final, respectivamente, como representado em (1).

(1) A neutralização, segundo Câmara Jr. (1977)



Bisol (2003, p. 270) destaca a naturalidade destes processos de neutralização. No que se refere à neutralização da pretônica, diz que se trata de “mudança que vai em direção à generalidade, pois são comuns línguas com cinco vogais, entre as quais o latim clássico e o espanhol.” A autora acrescenta que “Regras de neutralização são processos naturais e seu resultado é sempre um sistema mais simples, já contido na própria língua e que se encontra em muitas outras línguas do mundo.”

Com relação à neutralização da átona final, Bisol (2003, p. 271) também identifica que “vai em direção à generalidade e cria um sistema vocálico natural que existe dentro da própria língua e em outras, /i, u, a/, como existe no árabe clássico, citado por Clements.” Mas o processo apresenta flutuações em seu resultado, a elevação da vogal átona final apresenta-se, em algumas regiões, como regra de aplicação variável.

Conforme Bisol (2003, p. 271), “é possível afirmar que no português brasileiro como um todo, a neutralização da átona final é um processo em andamento no que diz respeito à opção pela vogal alta, uma vez que a variação permanece em certas comunidades. Note-se, todavia, que a neutralização entendida como perda do traço distintivo entre vogais médias e altas é uma regra geral nesta posição, e que a preferência à realização da vogal alta tende a generalizar-se.”

A autora acrescenta: “O contraste fonológico fica restringido a três vogais, independentemente do alofone que se realiza.” Trata-se, no entender de Bisol (2003), de neutralização com alofonia na realização do sistema vocálico, ora resultando dessa neutralização o sistema das três vogais /i,u,a/, ora resultando um sistema com flutuação /i~e, u~o,a/.

No que se refere à elevação das vogais pretônicas /e,o/ para [i,u], respectivamente, o contraste se mantém em alguns contextos:

Vogais pretônicas
[si'lada] [se'lada]
[ko'rad <u>o</u>] [ku'rad <u>o</u>]

O que ocorre é que existe realização variável das vogais médias quando seguidas de vogal alta na palavra: [procure] ~ [prucure], [domingos] ~ [dumingos], [acostumado] ~ [acustumado].

No que se refere aos traços envolvidos nos processos analisados, Bisol (2003) adota o sistema proposto por Wetzels (1992), baseado em proposta de Clements.

Como destaca Bisol (2003), nesta proposta autossegmental, o processo de neutralização implica perda de traço.

Para Bisol (2009, p. 79), no que se refere à elevação da pretônica por harmonia, trata-se de uma regra de assimilação que compreende dois mecanismos: desligamento e preenchimento. Além disso, o processo tem potencial para ser interativo: “o espraiamento dos traços da vogal alta pode estender-se a sílabas subseqüentes sem fazer saltos, como em *mixirica* por *mexerica* e *pirigrino* por *peregrino*.”

Ainda de acordo com Bisol (2009), existe o alçamento sem motivação aparente, que ocorre em formas como modelo ~mudelo, cebola ~cibola, tomate ~tumate, metade ~mitade, que consiste em uma regra neutralizadora, que muda um subsistema de cinco vogais para três, “os traços da média pretônica são desligados e preenchidos por *default* por uma vogal alta”.

No caso dos clíticos, poucos estudos se detiveram em descrever o fenômeno de elevação das vogais médias nessa classe de palavra, no português brasileiro. Encontramos nos estudos de Brisolara (2008) e Guzzo (2010) apoio para um comparativo sobre o comportamento das vogais médias nos clíticos no sul do País.

2.2 A Variação das Vogais médias /e/ e /o/ no Sul do Brasil

As vogais estudadas neste trabalho são as médias /e/ e /o/, que se destacam nos estudos por sofrerem uma variação com tendências de elevação quase categórica na maioria das cidades brasileiras. Entre os estudos verificados sobre o comportamento dessas vogais, chamou a atenção a preservação dessas vogais na fala dos habitantes de algumas cidades no sul do Brasil, com destaque para Curitiba, Chapecó, Flores da Cunha e Irati, entre todas as cidades pesquisadas pelo banco de dados do Projeto VARSUL.

Entre as variáveis independentes selecionadas nos estudos como principais fatores condicionantes para a regra variável estão as extralinguísticas: localização geográfica, faixa etária, sexo e escolaridade do informante. As variáveis linguísticas encontradas foram contexto precedente e contexto seguinte, presença de vogal alta na palavra, contexto vocálico, tipo de sílaba e posição da vogal média na palavra.

Como o presente estudo visa analisar o comportamento das vogais médias em todas as suas manifestações em uma mesma comunidade de fala, nossa proposta em pauta pretônica é inspirada nos estudos de Bisol (1981) e Schwindt (1995). Para isso, foram levadas em conta, assim como em Bisol, todas as palavras com vogais médias, inclusive aquelas em que não havia vogal alta em sílaba subsequente.

A maior parte dos estudos sobre as vogais postônicas é encontrada na região Sul do país, possivelmente porque é nessa região que se apresenta maior variação na realização dessas vogais. De acordo com Vieira (2002), a variável geográfica é fator importante para a realização da vogal. No caso de /o/, as vogais médias postônicas não finais foram as que tiveram maior variação, destacando-se a cidade de Curitiba como a localidade em que menos se aplicou a elevação da vogal. No caso de /e/, as vogais médias postônicas finais apresentaram maior variação; Curitiba, novamente, apresentou taxa de aplicação abaixo do ponto neutro, indicando que os falantes tendem a preservar a vogal média final.

Os estudos de vogais médias em clíticos são mais escassos e concentram-se, assim como as postônicas, no sul do Brasil. Encontramos análises sobre as vogais médias /e/ e /o/, em Porto Alegre e Santana do Livramento, em Brisolara (2008), e sobre a vogal /e/ em Flores da Cunha, em Guzzo (2010).

Como o objeto do nosso trabalho é a comunidade de fala de Curitiba, nos concentraremos, preferencialmente, em resgatar a descrição de trabalhos anteriores que tiveram essa cidade destacada em suas análises.

2.2.1 Variação em pauta Pretônica

Um dos primeiros estudos quantitativos e qualitativos sobre as vogais médias pretônicas é o de Bisol (1981), que analisou a regra de harmonia vocálica no Rio Grande do Sul, em uma amostra constituída por 32 informantes de quatro grupos étnicos que compõem o dialeto estudado. São eles: 8 monolíngues da zona de colonização açoriana, de Porto Alegre, 8 bilíngües da zona de colonização alemã, de Taquara; 8 bilíngües da zona de colonização italiana, da comunidade de Monte Bérico (Veranópolis) e 8 monolíngues da zona fronteira de Santana do Livramento. Foi utilizada, ainda, uma amostra suplementar com outros 12 informantes metropolitanos com ensino superior.

As variáveis linguísticas analisadas por Bisol foram nasalidade, tonicidade (da vogal seguinte e contiguidade da tônica, com relação à vogal elevável), distância (posição da vogal em relação à tônica), paradigma, atonicidade, sufixação e contextos fonológicos precedente e seguinte. Bisol desconsiderou os contextos em que /e/ e /o/ estivessem em posição inicial absoluta (sem contexto precedente), pois verificou que, principalmente em /e/ a elevação parecia ser categórica com coda silábica em /N/ ou /S/ (*escola* e *ensino*). Entre as variáveis extralinguísticas analisadas estão: etnia, sexo, situação (teste ou fala livre) e idade.

Os resultados do estudo, que apresentou 15.496 dados, sendo 8.107 para contextos de /e/, demonstraram que na fala popular a aplicação (elevação da vogal média) foi de 22% para /e/ e 32% para /o/. Na fala culta, tratada em amostra suplementar, a elevação de /e/ foi em 21% dos casos e de /o/ em 22%. Entre os fatores que se mostraram favoráveis a essa elevação estão a nasalidade em /e/, mas não em /o/; a vogal alta da sílaba seguinte; as consoantes palatais, labiais e velares (palatais favorecem elevação de /e/ e /o/ na posição seguinte - melhor ~ milho, sonhar ~ sunhar, as labiais favorecem elevação de /o/, principalmente em posição precedente – boneca ~ buneca, política ~ pulítica, e as velares elevam /e/ em posição precedente e seguinte – querido ~ quirido, segunda ~ sigunda). No paradigma derivacional, os resultados demonstraram maior probabilidade de elevação em palavras com base variável (classificadas como “com parente”) do que em derivada de base invariante (“sem parente”). A

atonicidade também é fator favorável à elevação, além da presença de sufixos (especialmente -inho, -zinho e -íssimo)³.

Com relação aos fatores extralinguísticos, a etnia⁴ demonstrou que os informantes metropolitanos são os que elevam mais as vogais médias enquanto que os fronteiriços são os que menos elevam. Esse resultado é importante, pois coincide com a proposta de nosso estudo, que é a de justificar alguns fatores responsáveis pelos índices de não elevação das vogais médias, uma vez que a fala dos fronteiriços no Rio Grande do Sul possui características semelhantes às dos informantes da capital do Paraná. Com relação ao sexo, os resultados de Bisol são, em geral, homogêneos, não ressaltando esse fator como relevante para a análise. Em relação à situação, há indicativos de que a regra de /e/ tenha caráter de marca sociolinguística, porque menos usada em situação mais formal (teste) do que na fala livre, enquanto a de /o/ não apresentou resultado significativo neste aspecto. Mas essa constatação não pode ser considerada conclusiva, segundo Bisol, pois seria necessário um teste de atitude para confirmá-la, o que o estudo de Bisol não contemplou. Finalmente, com relação ao fator idade, os mais jovens parecem elevar menos as vogais pretônicas. De acordo com a autora, (1981 p. 261 -262), “o uso menor da regra entre os jovens (fala culta) permite ao menos questionar sobre a trajetória de regressão que esta regra variável possa estar vivendo”.

Em Schwindt (1995), estudo que se dedicou à elevação da pretônica, nos moldes da pesquisa de Bisol (1981), com dados de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, os resultados encontrados para as variáveis linguísticas mostram que, com o fator vizinhança, as vogais altas imediatas (*ex.: cozinha*) têm maior poder de elevar as pretônicas do que as altas não-imediatas (*ex.: pedacinho*). Para o autor, com base em outros estudos verificados, a elevação está condicionada à presença de outra vogal alta contígua e a tonicidade exerce um papel secundário, influenciado pela contiguidade (*ex.: procissão, menino*). Com relação à nasalidade, a regra influencia mais a vogal /e/ do que /o/. Em relação à homorganicidade, isto é, se a vogal alta seguinte possui o mesmo ponto de articulação da vogal alvo, como em

³ Importante destacar que esse fenômeno ocorre em casos como *tardezinha*, e não em formas como *todinho*, *dedinho*, por exemplo.

⁴ É o rótulo utilizado por Leda Bisol para referenciar região ou localidade de imigração.

devido, volúvel, ou possui ponto diferente, como em *deduzo, possível*, os números estão muito próximos do ponto neutro, mas comparando /e/ e /o/, o autor verificou que a homorgânica /i/ contribui para a elevação de /e/, enquanto que para /o/ a não homorgânica é que parece ter maior influência.

Quanto ao fator atonicidade da vogal alvo, o estudo de Schwindt (1995) mostra que os percentuais de elevação são maiores para as vogais sem *status* definido e para as que são átonas permanentes (*meninice* < *menino*). Os menores índices são para as vogais que adquirem atonicidade por derivação (átonas casuais), como em *ferro* > *ferradura*. No contexto fonológico precedente, mostraram-se mais favoráveis à regra para a vogal /e/ a vogal precedida por pausa, a consoante velar ou a labial, ao passo que a palatal e a alveolar inibem a elevação (ex.: *cerimônia*). Já em /o/, favorecem as consoantes palatal, velar e labial (ex.: *comida*), enquanto a alveolar tende a preservar. O contexto fonológico seguinte em /e/ apresenta favorecimento da elevação com consoante velar, e em menor grau com alveolar (não líquida), palatal e labial. O /R/ velar, vogal ou líquida alveolar inibem a aplicação da regra. Para a vogal /o/ a alveolar (não líquida) favorece alçamento, assim como a palatal e a labial. Os inibidores da regra nesse caso são /R/ velar, vogal, líquida alveolar e demais consoantes velares. O último fator condicionante linguístico do estudo de Schwindt é a vogal alta em terminações. Os resultados mostram que as terminações verbais favorecem a elevação de /o/ e os sufixos nominais inibem a aplicação da regra (ex.: *pegadinha*). Para a vogal /e/, o programa estatístico não selecionou esse grupo de fatores como relevante.

Com relação às variáveis extralinguísticas, o estudo analisou faixa etária, escolaridade, localização geográfica e sexo. Com respeito à idade, o programa não selecionou essa variável como relevante para a vogal /e/ e os resultados ficaram próximos do ponto neutro para a vogal /o/, mostrando uma pequena vantagem dos mais velhos à elevação. Para escolaridade, os índices nas duas vogais se aproximam do ponto neutro, mas apresentam uma ordem decrescente do primário para o ginásio e para o segundo grau, o que leva o autor a ponderar que quanto mais escolarizados os informantes, menos utilizam a regra.

A variável geográfica mostrou dados mais altos de harmonização vocálica para Curitiba, enquanto que Porto Alegre e Florianópolis tiveram valores inferiores ao ponto neutro. Esse resultado foi diferente do esperado pelo autor, que observou, também, uma influência dos dialetos no uso da regra. À medida que se distancia do extremo sul do País, a harmonia

vocálica é mais usada. A variável sexo não foi selecionada como relevante para o trabalho de Schwindt.

2.2.2 *Variação em pauta Postônica*

Dois estudos apresentam análises a respeito da elevação de postônicas em Curitiba, Vieira (2002) e (2009). No primeiro, a autora usou como *corpus* oito informantes de cada uma das cidades do banco de dados do projeto Varsul (Curitiba, Irati, Pato Branco, Londrina, Florianópolis, Lages, Blumenau, Chapecó, Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja). Foram analisadas as vogais /e/ e /o/ finais e não finais. Em ambos os casos, os resultados destacaram o contexto precedente com um dos maiores responsáveis pela variação das postônicas não finais, com as labiais favorecendo a elevação em /o/ e as fricativas s/z, a elevação em /e/. Outro fator condicionante foi a presença de vogal alta na palavra, que se mostrou favorecedor de elevação de /e/ em ambas as posições e de /o/, na final. O tipo de sílaba nas postônicas finais também define o comportamento das vogais, que preservam em coda soante e elevam em coda com fricativa /s/. Com relação aos fatores sociolinguísticos, o estudo mostrou que os informantes do Rio Grande do Sul elevam mais as vogais /e/ e /o/, Santa Catarina apresenta atitude neutra e os falantes do Paraná tendem a preservar mais essas vogais. Nos resultados por cidade, Porto Alegre é a capital que mais elevou as vogais médias tanto em posição postônica final quanto não final. Finalmente, um dos resultados que motivaram nosso estudo, apresenta Curitiba como a cidade que mais preserva as vogais médias não finais. As vogais /e/ em posição final são mais preservadas em Flores da Cunha, Chapecó e Irati.

Em Vieira (2009), somente as três capitais do Sul do País foram analisadas. A autora verificou o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em 48 informantes, 16 informantes de cada uma das capitais, Curitiba⁵, Florianópolis e Porto Alegre. Nesse estudo, foram coletados 5.962 contextos de elevação de /e/ e 7.622 de /o/ em posição final, e 136 para vogal /e/ e 144 para a vogal /o/ em posição não final. Os fatores condicionantes selecionados nas duas vogais em posição final foram localização geográfica, contexto precedente e contexto vocálico. Para /e/ ainda foi selecionado o tipo de sílaba. Na postônica não final, foram selecionados localização geográfica e contexto precedente para /e/, e contextos vocálico e precedente para /o/.

⁵ Os informantes deste trabalho são os mesmos de Vieira (2009). Vide quadro 2 em anexo.

De acordo com os resultados da variável localização geográfica, para as postônicas finais, os falantes de Curitiba são os que menos elevam o /e/, com peso relativo de 0,14. Florianópolis tem peso relativo de 0,61 e Porto Alegre, de 0,77. Nas postônicas finais com /o/, Porto Alegre é a capital com maior tendência à elevação, com peso relativo de 0,74. Florianópolis fica próximo ao ponto neutro, com 0,55, enquanto que Curitiba apresenta menor tendência à aplicação da regra, com peso relativo de 0,22. No caso das não finais, apenas na vogal /e/ foi considerado relevante o fator geográfico, sendo que mais uma vez, Curitiba aparece com a cidade que mais preserva, com peso relativo de 0,14. Florianópolis registra 0,64 e Porto Alegre, 0,76. Esses resultados mostram que, apesar de haver variação no caso das duas posições, nas três capitais, a preservação ocorre em maior grau nas não finais do que nas finais. Com base nesses dois estudos, Vieira postula que o dialeto que Curitiba encontra-se em um estágio inicial de neutralização para as vogais finais e que, para as não finais, o sistema permanece variável em todos os três dialetos.

Para a vogal /e/, foi selecionado, ainda, o condicionante tipo de sílaba, onde as sílabas com coda soante são as que inibem a elevação da vogal, com peso relativo de 0,01. A coda sibilante favorece a elevação com 0,71 de peso relativo e a ausência de coda desempenha papel neutro, com 0,53 de peso relativo.

A variável contexto precedente foi selecionada tanto para a vogal /e/ quanto para a vogal /o/. Em /e/, as coronais oclusivas (ex.: gente) são as que mais promovem a preservação, enquanto que em /o/ as consoantes dorsais são os fatores de preservação. Para a vogal /o/ em postônica final, foi selecionado o contexto precedente, onde a consoante dorsal parece preservar a vogal com peso relativo de 0,21 (ex.: longo). Coronais oclusivas têm efeito neutro, com 0,49 de peso relativo (ex.: parto), e os demais segmentos favorecem a elevação, com peso relativo de 0,70.

O contexto vocálico demonstrou que em /e/ a presença de vogal alta em sílaba adjacente à final (ex.: filme) é determinante para a aplicação da regra de elevação, com peso relativo de 0,65 contra 0,45 para a ausência de vogal alta (ex.: parque). Em /o/, a ausência de vogal alta pode inibir a elevação (ex.: saco), com peso relativo de 0,30. Nesse caso, Vieira (2009, p. 63) supõe que exista a aplicação de um processo de assimilação progressiva do traço de altura das vogais altas por parte das vogais médias (ex.: *subido* e *motivo* elevam com mais facilidade do que palavras que não possuem vogal alta).

Para as vogais postônicas não finais, as outras variáveis selecionadas, além da localização geográfica, que já foi exposta anteriormente, foram o contexto precedente em /e/ e /o/ e o contexto vocálico em /o/. Em /e/, as consoantes coronais, não fricativas (ex.: útero) favorecem a preservação (0,29 de peso relativo). Enquanto as labiais (ex.: próspero) apresentam-se como neutras, com peso de 0,44, e as fricativas (ex.: pêssego) são motivadoras da elevação, com peso relativo de 0,86. Na vogal /o/, os inibidores de elevação são a dorsal (ex.: agrícola), com peso relativo de 0,08, e as coronais (ex.: apóstolo), com peso relativo de 0,18. As labiais (ex.: época) favorecem a elevação, com 0,62 de peso relativo. Para a vogal /o/, a presença de vogal alta (ex.: agrícola) favorece a elevação em postônicas não finais, com 0,97 de peso relativo. E a ausência de vogal alta (ex.: mármore) inibe a elevação de /o/, com peso relativo de 0,33.

2.2.3 *Variação em Clíticos*

Existem poucos estudos sobre o comportamento das vogais médias nos clíticos no Português Brasileiro. Em Brisolará (2004), temos um dos primeiros trabalhos sobre comportamento das vogais médias no PB em clíticos. A autora investigou a elevação da vogal /e/ em clíticos pronominais “me”, “te”, “se” e “lhe”, na fala de informantes de Bagé, no Rio Grande do Sul. O estudo ouviu dados de 24 informantes do Banco de Dados Sociolinguístico da Fronteira e da Campanha Sul-Rio-Grandense (BDS PAMPA), sediado na Universidade Católica de Pelotas. Brisolará (2008) analisou as vogais /e/ e /o/ em clíticos pronominais /me/, /te/, /se/, /os/, /nos/, /los/, no português falado em Santana do Livramento e em Porto Alegre. O outro estudo é o de Guzzo (2010)⁶, que analisou o alçamento de /e/ em clíticos /me/, /se/ e /de/, /e/, /te/, /em/, /que/ e /lhe/ na comunidade de Flores da Cunha.

Em Brisolará (2004)⁷, o interesse em investigar a regra de elevação da vogal átona nos clíticos em uma localidade próxima à fronteira foi motivado pelo fato de que na língua espanhola, as vogais médias não se tornam vogais altas em posições finais. A autora quis

⁶ O Estudo de Guzzo (2010) abordou a elevação de /e/ nas diferentes pautas vocálicas (pretônica e postônica). Uma das variáveis, posição da sílaba na palavra, incluiu um fator, Clítico, em que se controlou a vogal em todos os clíticos pronominais e não-pronominais com vogal anterior presentes em seu *corpus*.

⁷ Importante destacar que os trabalhos de Guzzo (2010) e Brisolará (2004) apresentam formas diferentes de análise.

testar o comportamento dessas vogais na fala fronteiriça do português brasileiro. Nesse trabalho a autora também encaminhou discussão sobre o *status* prosódico dos clíticos. Para esse estudo, Brisolara controlou as variáveis contexto precedente, tipo de segmento vocálico da sílaba seguinte (especialmente a verificação do comportamento do clítico com o segmento [i] na sílaba seguinte), vogal da sílaba seguinte quanto à altura, tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro (ex.: [i] *me indicar* m[ẽ]ndicar ~ m[ĩ]ndicar ou [a] *me agradar* m[ea]gradar ~ m[ja]gradar) e tipo de junção (degeminação ex.: *te ensinar* t[ẽ]nsinar ou ditongação ex.: *me amou* m[ja]mou). As variáveis extralingüísticas foram sexo, faixa etária e escolaridade.

Entre os processos que se mostraram favorecedores de elevação de /e/ nesse estudo, destacam-se a degeminação e a ditongação, constatando o tipo de junção como um dos fatores relevantes, especialmente na ditongação (ex.: *me amou* m[ja]mou). A idade também foi considerada fator influente para a elevação. Os informantes com idade entre 16 e 25 anos aplicam a regra com percentual de 56%, enquanto as demais faixas etárias são desfavorecedoras. Outra variável relevante é o tipo de vogal da borda esquerda do hospedeiro, nesse caso, as vogais [a] e [i] favorecem o uso da regra de elevação da vogal átona final (ex.: [a] *me agrada* m[ja]grada e [i] *me entreter* m[ĩ]ntreter), enquanto [o], [e] (ex.: [o] *me olhar* m[jo]lhar e [e] *te ensinar* t[ẽ]nsinar) e os casos denominados “não pertinentes” (ex.: *se vestir* s[i] vestir) se revelam desfavorecedores da regra em estudo. As mulheres são mais favorecedoras da elevação, com peso relativo de 0,59, enquanto os homens apresentam 0,39 de peso relativo.

O contexto precedente /s/ é motivador da elevação da vogal média /e/, com peso relativo de 0,65 (ex.: *se separar* s[i] separa). Os contextos /m/ e /t/, pelos pesos relativos próximos (0,44 e 0,42), desfavorecem a elevação (ex.: *me falou* m[e] falou e /t/ *te falando* t[e] falando). Quanto ao tipo de segmento vocálico da sílaba seguinte, apresentam-se como favorecedores de elevação nos clíticos as vogais [u] e [ɛ], com pesos relativos de (0,64 e 0,84) (ex.: *se mudou* s[i] m[u]dou e *te leve* t[i] l[ɛ] vê). As vogais [e], [o] apresentam peso neutro (0,51 para ambas) (ex.: [e] *me dedicando* m[i] d[e]dicando e [o] *se tornou* s[e] t[o]rnou); e as vogais [a], [i] e [ɔ] mostram-se desfavorecedoras da elevação, com pesos relativos de (0,44, 0,43 e 0,45). (ex.: *te falei* t[e] f[a]lei, *me gripe* m[ĩ] gr[i]pe e *se torna* s[e] t[ɔ]rna).

No estudo de Brisolara (2008), os clíticos investigados foram ‘me’, ‘te’, ‘se’, ‘lhe(s)’, ‘o(s)’, ‘nos’, ‘lo(s), para a verificação de alçamento nas vogais /e/ e /o/, na fala de Porto

Alegre e de Santana do Livramento (outra cidade de fronteira com país de fala espanhola). Para o estudo, foram analisadas 14 entrevistas de moradores de Santana do Livramento, retiradas da amostra de Bisol (1978), 22 entrevistas de Santana do Livramento, amostra 2003 a 2005, cedidas pelo Projeto Banco de Dados Sociolinguísticos da Fronteira e da Campanha Sul- Rio-Grandense (BDS PAMPA) e 22 entrevistas de Porto Alegre, fornecidas pelo Projeto Varsul amostra 1990.

As variáveis linguísticas verificadas foram tipo de clítico, vogal do clítico (se mais ou menos posterior), contexto seguinte (onset da sílaba seguinte, vogal da sílaba da palavra seguinte, distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro, tipo de junção, posição do clítico e presença ou ausência de vogal alta no hospedeiro). As variáveis extralinguísticas pesquisadas foram gênero, faixa etária, escolaridade e informante.

Para o nosso trabalho, apresentaremos somente a síntese dos resultados de Brisolara (2008), pois foram rodados os resultados das três amostras separadamente: Porto Alegre, que teve um o percentual de aplicação de elevação de 95%, Santana do Livramento 1978, com percentual de elevação de 21%, e Santana do Livramento 2003-2005, com aplicação de 44% para elevação das vogais médias.

Para Porto Alegre, foram selecionados como fatores favorecedores de elevação, a escolaridade, a distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro (se a sílaba tônica está sem distância do clítico, ou seja, logo após o clítico, “ex.: se **fala**”, ou se está a duas, três ou quatro sílabas, ex.: se reorganizar; ou ainda se não é pertinente), a vogal média /o/ da sílaba seguinte (ex.: se c[o]me), a degeminação, como tipo de junção (ex.: m[e]squece) e o tipo de clítico –se (ex.: **se** fala / fala-**se**); porém, a autora infere, com base nos resultados, que a elevação das vogais médias nessa comunidade de fala é praticamente categórica e ocorre independente dos contextos linguísticos e sociais, caracterizando-se por um fenômeno generalizado nessa cidade.

Para a amostra de Santana do Livramento de 1978, foram selecionados o tipo de junção: degeminação e ditongação, a Vogal baixa /a/ na sílaba da palavra seguinte, o gênero (os homens elevam mais) e a distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro (que foi de duas sílabas). Já para a amostra de Santana do Livramento 2003-2005, foram selecionados, também, o tipo de junção: degeminação e ditongação, a presença ou ausência da vogal alta no hospedeiro (nesse caso, o verbo com vogal alta na sílaba não vizinha ao clítico – radical), o tipo de clítico –se, a vogal da sílaba da palavra seguinte: vogais médias /e/ e /o/ e vogal baixa

/a/, a distância do clítico da sílaba tônica do hospedeiro: duas sílabas, a escolaridade (10-11 anos de estudo), a faixa etária: 16 a 25 anos e 26 a 49 anos e o gênero masculino.

A comparação entre essas duas últimas amostras apresenta quatro variáveis iguais, ‘tipo de juntura’, ‘vogal da sílaba da palavra seguinte’, ‘gênero’ e ‘distância da sílaba tônica do hospedeiro’. Nessas variáveis, os fatores mais favorecedores do fenômeno são praticamente os mesmos, sendo a única diferença o fator vogal da sílaba da palavra seguinte’, em que as vogais médias altas são também selecionadas como favorecedoras da elevação vocálica na amostra de 2003-5 (ex.: se v[e], se c[o]nhece, se qu[ɛ]r, se c[ɔ]bra e te m[a]ta).

Os clíticos, em função de não portarem acento, precisam apoiar-se em um elemento que seja tônico. Os pronomes clíticos partilham com outras unidades lexicais, como preposições e artigos, a propriedade de serem átonos e, por isso, dependem de itens lexicais com acentuação, usualmente designados como seus hospedeiros (*hosts*), nos quais eles possam se apoiar (*lean*).

No estudo de Guzzo (2010) foram ouvidas 32 entrevistas realizadas em Flores da Cunha entre 2006 e 2009, pertencentes ao Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha (BDSer). As variáveis independentes do estudo da autora são as linguísticas: presença de coda na sílaba, presença de onset, vogal da sílaba seguinte, posição da vogal média na palavra, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte; além das extralingüísticas: gênero, idade e local de residência.

Na análise de Guzzo, os resultados percentuais dos clíticos em Flores da Cunha são próximos dos encontrados em Brisolara (2008) em Porto Alegre, mas são muito diferentes do encontrado em Santana do Livramento. De acordo com aquela autora, o estudo de Brisolara levou em conta apenas os clíticos pronominais, ao passo que, no seu estudo, foram consideradas também preposições, o que resultou que, em seu trabalho, o índice de aplicação da elevação permanesse acima de 50%.

Entre as variáveis linguísticas controladas no estudo de Guzzo, estão: i) a presença de coda na sílaba (ex.: com coda [chaves, pescoço] e sem coda [chave, medidá]), ii) a presença de onset na sílaba (ex.: sem onset [ensino, exige] ou com onset [destino, onde]), iii) a vogal da sílaba seguinte (ex.: alta [medida], média [sereno], zero [onde] e baixa [gelada]) e iv) posição da vogal média na palavra (ex.: se estava localizada no clítico [me, se], na postônica [nome, pêssego], na pretônica inicial [pedido] ou na pretônica medial [alegria]. Além disso, foram

analisados os contextos fonológicos precedente e seguinte. As variáveis sociolinguísticas estudadas foram o gênero, idade e local de residência (zona rural ou urbana).

Com relação a essas variáveis, o estudo concluiu que a elevação de /e/ é favorecida por jovens (entre 18 e 30 anos) e moradores da zona urbana. A variável gênero não foi significativa. Quanto aos resultados de variáveis linguísticas, Guzzo cruzou as duas variáveis (presença de coda na sílaba e presença de onset na sílaba) e obteve uma frequência de aplicação de elevação maior em sílabas sem onset e com coda. Para os clíticos, esses valores chegaram a 96%, embora a autora destaque que existe apenas um tipo de ocorrência de clítico com coda, a preposição /em/. A vogal da sílaba seguinte apresentou altos índices de elevação nos clíticos (73% para vogal alta, 74% para média e 70% para baixa). A elevação quanto à posição da vogal média apresentou percentual de 73,1% nos clíticos. De acordo com o estudo de Guzzo, o clítico pode ser a porta de entrada para a regra de elevação da pretônica em Flores da Cunha. A autora afirma isso com base no elevado peso relativo encontrado para o fator posição da vogal média na palavra, nos clíticos como *em, de, e, se e me*.

Guzzo (2010 p.108) alerta para o problema do estudo de processos fonológicos envolvendo clíticos, uma vez que podem ser considerados tanto como parte da palavra fonológica quanto um elemento relacionado por locução a uma outra palavra, constituindo uma frase fonológica. De acordo com Bisol (2005), “os clíticos são formas dependentes, que não têm acento, mas ficam entre brancos, apoiando-se no centro da palavra seguinte ou precedente.” Para Bisol (2001)⁸, os clíticos do português apresentam certa independência, ainda que se submetam às mesmas regras da palavra fonológica. No entanto, a autora afirma ser comum considerar-se o clítico como elemento da palavra fonológica.

O fator sociolinguístico idade também foi relevante na elevação das vogais médias no estudo de Guzzo. Os maiores percentuais de aplicação da regra estão em indivíduos de 18 a 30 anos (com 83%), e esses valores vão diminuindo proporcionalmente conforme aumenta a idade dos pesquisados. A última faixa etária pesquisada, 71 anos ou mais, registrou 56 % de elevação. De acordo com a autora, na comunidade estudada pode estar ocorrendo uma mudança linguística em progresso.

Os estudos analisados mostram que, nas pretônicas, a variação das vogais médias é motivada por fatores como a harmonia vocálica, principalmente em Curitiba. As vogais altas

⁸ Apud Guzzo (2010)

imediatas têm maior poder de elevar as pretônicas (contiguidade). No contexto precedente, a pausa antes da vogal /e/ favorece a elevação, assim como as velares e labiais, já as palatais e alveolares tendem a inibir a elevação. Entre os fatores extralinguísticos, o geográfico tem bastante influência, pois os falantes tendem a elevar as vogais médias próximo a regiões metropolitanas e a preservar nas áreas de fronteira. Nesse caso, curiosamente, Curitiba é uma cidade em região metropolitana, mas seus informantes apresentam características linguísticas semelhantes à dos informantes de áreas de fronteira. Outro ponto de destaque é que, quanto mais escolarizados os indivíduos, menor é o índice de elevação. Com relação às vogais médias postônicas, destaca-se a preservação dessas vogais nas médias finais e não finais em Curitiba. Os contextos precedente e vocálico foram selecionados como importantes nos trabalhos analisados e verificou-se que existe uma tendência maior de preservar as vogais médias em postônicas não finais nessa comunidade de fala. Nos clíticos, embora os estudos existentes não tenham contemplado a comunidade de fala a ser verificada nesse trabalho, com base nos resultados de Brisolara (2008), verificamos que a elevação das vogais médias em Porto Alegre é praticamente categórica e ocorre independente dos contextos linguísticos e sociais. No trabalho de Guzzo (2010), os fatores sociais como idade e localização (moradores de zona urbana) são favorecedores de elevação.

3. TEORIA DA VARIAÇÃO

3.1 *Variação Linguística*

Diferentes formas de se dizer uma mesma coisa. De maneira simplista esse seria o conceito básico da expressão “variação linguística”. Essas diferentes formas fazem parte do dia a dia dos falantes de uma língua e, além de serem facilmente observadas, elas oferecem pistas sobre sua identidade (classe social, idade, região ou gênero). Palavras como *arretado*, *troncho* ou *malamanhada* fazem parte do falar nordestino, enquanto expressões como *tri legal*, *rengueado* ou *esgualgado* pertencem ao falar da região Sul do Brasil.

Algumas formas de falar podem ser consideradas, ainda, como sendo de alto prestígio ou incultas, estigmatizadas, como é o caso, no português brasileiro, da conjugação de verbos em primeira pessoa do plural, no pretérito perfeito (*nóis fumu* em vez de *nós fomos*). Outro exemplo de formas estigmatizadas são os fenômenos como o rotacismo entre as consoantes líquidas (laterais e vibrantes) em contextos de ataque complexo e coda silábica, como em *pobrema*, *pranta*.

Antes da abordagem variacionista, as análises firmes, principalmente as chomskianas, buscavam ser explicativas, baseado em uma comunidade linguística idealizada, de comportamento verbal uniforme. Não considerava o caráter social para análise dos usos linguísticos⁹ (MUSSALIM, BENTES 2005 p.57). Foi com o estudo iniciado por William Labov, em 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, em Massachusetts, que surgiu um novo horizonte de abordagem teórica que levou em consideração o fato de que a língua falada é heterogênea, porém ordenada. Essa foi, então, a proposta da sociolinguística, que pretendia sistematizar essa heterogeneidade, para, dessa forma, justificar a diversificação linguística e a comunicação entre os falantes. A sistematização da heterogeneidade dentro de uma mesma comunidade de fala foi a proposta da teoria variacionista, como justificam Weinreich, Herzog, Labov, (2006, p.88):

“Sugerimos que a solução para essa questão fundamental repousa na decisão de romper com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade. No lugar dela, propusemos que uma explicação razoável da

⁹ Esse conceito era baseado na competência linguística de um falante-ouvinte ideal, dentro de uma comunidade homogênea, postulado por Noam Chomsky na Teoria Gerativista (Tarallo, 1986, p.6)

mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua.”

O termo Sociolinguística surgiu em um congresso, organizado por William Bright, em 1964, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). O evento reuniu 25 pesquisadores, entre eles, Henry Hoenigswald, John Gumperz, Einar Haugen, Raven McDavid Jr., William Labov, Dell Hymes, John Fisher, William Samarin, Paul Friedrich, Andrée Sjoberg, José Pedro Rona, Gerald Kelley e Charles Ferguson. Na organização da publicação dos trabalhos apresentados, Bright utilizou o título *Sociolinguistics*, e, no texto, esclarece que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas”¹⁰. De acordo com Calvet (2002), o encontro de 1964 marcou o nascimento da sociolinguística, que se afirmou contra o outro modo de fazer linguística. Ao citar o “outro modo”, o autor refere-se a Chomsky e à gramática gerativa, que, mesmo “admitindo a existência, na gramática, de regras opcionais, que gerariam formas variáveis, não considerou a influência de fatores sociais sobre sua incidência”. (Guzzo, 2010, p.17)

Porém, mesmo que esse encontro tenha sido considerado um marco na sociolinguística, é importante voltar um pouco no tempo e resgatar alguns autores que serviram de fonte para que Labov e colegas pudessem desenvolver suas ideias.

Ferdinand de Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, estabelece uma distinção programática entre língua e fala. Nessa dicotomia, a língua seria o verdadeiro objeto da linguística, abstrata, homogênea e constituída por um sistema de signos (significante e significado) e a fala seria a realização concreta da língua, apresentando variações relacionadas ao uso no contexto social. De acordo com o *Curso de Linguística Geral*, para Saussure, “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.”¹¹ Essa posição foi importante para o desenvolvimento da escola de pensamento linguístico que se convencionou chamar de Estruturalismo, que foi muito influente na linguística da primeira metade do século 20 e que continuou exercendo influência através das disciplinas e dos departamentos de Linguística que se estabeleceram em diversas universidades a partir da segunda metade do século 20. Essa postura teórica permitiu o

¹⁰ CALVET, Luis-Jean in William Bright (org.), *Sociolinguistics*, Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, La Haye-Paris, Mouton, 1966, p.11.

¹¹ Idem, *ibidem* p.14.

desenvolvimento de categorias de análise específicas à língua – por exemplo, no caso da fonologia, da morfologia e da sintaxe - que deram um avanço importante aos estudos sobre a linguagem e ainda hoje são fundamentos de boa parte das pesquisas em linguagem.

No entanto, de acordo com o francês Antoine Meillet (1866-1936), um dos discípulos de Saussure, “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand Saussure a priva da realidade.”¹² Para Meillet, por ser a língua um fato social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social.¹³ E essa é, de acordo com Calvet (2002), uma posição muito próxima da que se encontrará mais tarde, na obra de William Labov.

Segundo Tarallo (1986, p 23), Labov foi quem “mais veementemente insistiu na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada”. Labov postula que exista uma relação entre língua e sociedade, num modelo onde a variação linguística nunca pode ser considerada livre, pois existem fatores que influenciam a aplicação ou não aplicação de uma determinada regra variável.

A influência dos fatores sociais que atuam na língua foi apresentada, por Labov, num estudo publicado em 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, Massachusetts, Estados Unidos. Esse estudo apresentou um modelo que explicava a influência dos fatores sociais que atuam na língua. A Ilha de Martha’s Vineyard preservava traços arcaicos típicos do sul da Inglaterra antes de 1800. De acordo com o estudo de Labov¹⁴, os habitantes da ilha (6000 nativos divididos em grupos étnicos de descendentes de ingleses do século XVII e XVIII, descendentes de portugueses, índios e descendentes de origens variadas - canadenses, franceses, irlandeses, alemães, poloneses e ingleses), praticavam uma alta centralização de ditongos. Essa realização estava relacionada a fatores sociais, como a resistência aos veranistas, especialmente na área rural da ilha. Para o autor, a centralização dos ditongos /ay/ (*wine*, “vinho”) e /aw/ (*house*, “casa”), que passavam a /ai~/ei/, /au~/ou/, foi uma marca de identidade cultural da ilha, fator que se sobrepôs a todos os outros fatores linguísticos.

¹² Idem, ibidem p.14.

¹³ Idem, ibidem p.16.

¹⁴ LABOV, Wiliam. Padrões Sociolinguísticos. Parábola, São Paulo, 2008.

O modelo laboviano de estudo é quantitativo, pois é realizado com a seleção e análise estatística de dados de fala coletados de forma estratificada, para captar o padrão de uma comunidade. A sociolinguística realiza em sua investigação uma correlação entre os aspectos do sistema linguístico (e, nesse sentido, depende das categorias linguísticas estabelecidas pelos estudos incentivados pelo Estruturalismo) e aspectos do sistema social, focalizando a variação, entendida como “um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada” (MOLLICA 1994)¹⁵. Segundo Tagliamonte (2006, p. 5), “*the variationist enterprise is essentially, and foremost, the study of the interplay between variation, social meaning and the evolution and development of the linguistic system itself.*”¹⁶

O estudo de variação linguística faz uso de fundamentos de estatística, como o de “variável”, e recorta seu objeto, pois identifica dois grandes grupos de variáveis condicionadoras, as linguísticas e as sociais. Também propõe o conceito de “regra variável”, que adapta uma noção presente nos estudos gramaticais, por exemplo, a regra de realização de um fonema, à análise probabilística.

3.1.2 Análise de Regra Variável

Para Labov (2008), “a definição de uma variável linguística é a primeira e também a última etapa na análise de variação. Ela começa com o simples ato de observar uma variação que são duas formas alternativas de se dizer a mesma coisa.” Ao definir a regra variável, o linguista deve definir as variantes que constituem essa variação, que sofrem a interferência de fatores condicionantes de natureza social ou linguística. Essas variantes constituem, na análise estatística, o que chama de variável dependente. Em seguida, o pesquisador precisa definir as variáveis independentes, um conjunto de categorias que influenciam ou podem influenciar significativamente na frequência de realização de uma variante.

Um dos principais destaques para esse modelo teórico é a interação entre fatores. Apesar de as variáveis serem independentes entre si, elas estão relacionadas, pois os fatores sociais costumam interagir uns com os outros. Entre as variáveis independentes que iremos

¹⁵ In: KLUNCK, Patrícia. Porto Alegre, 2007.

¹⁶ o empreendimento variacionista é essencialmente e acima de tudo, o estudo da interação entre a variação, o significado social e a evolução e desenvolvimento do sistema linguístico em si.

verificar nos estudos a que nos propusemos comparar está em destaque a variável geográfica. De acordo com Camacho (2005)¹⁷:

Como é verdadeiro que o domínio de uma língua deriva do grau de contato do falante com outros membros da comunidade, também é verdadeiro que quanto maior o intercâmbio entre os falantes de uma língua, tanto maior a semelhança entre seus atos verbais. Dessa tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos membros de uma mesma comunidade resulta a variação geográfica. Outra razão reside no fato de que os indivíduos nativos de determinado setor geográfico orientam-se para um centro cultural, político e economicamente polarizador. Constitui-se, assim, uma comunidade linguística geograficamente restrita.

Os fatores sociais levam às escolhas das variantes linguísticas usadas numa comunidade. De acordo com Tarallo (1986, p.8), é a sistematização do caos linguístico de uma comunidade de fala, ou seja, do conjunto de variantes utilizadas pelos falantes de uma comunidade que se configura como o principal objeto de estudo da Teoria da Variação.

As variáveis linguísticas atuam em forma de concorrência dentro de uma comunidade, podendo ser padrão/não padrão, conservadoras/inovadoras e estigmatizadas/de prestígio.

Segundo Tarallo (1986 p.10), os passos para a sistematização do estudo de uma regra variável são: 1- o levantamento dos dados da língua; 2- a descrição detalhada da variável; 3- a análise dos possíveis fatores condicionantes (linguísticos e sociais); 4- o encaixamento da variável (em que nível pode ser colocada e 5- a projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico).

Essa sistematização de estudo da regra variável permitirá, ao linguista, captar o padrão de variação de uma comunidade e inferir se a variação caminha para uma mudança linguística, como veremos a seguir.

3.1.3 Mudança Linguística

Para Labov, variação e mudança estão intimamente ligadas. Mudança implica variação, mas o contrário nem sempre é verdadeiro. “Os mesmos mecanismos que operaram para produzir as mudanças em larga escala do passado podem ser observados em ação nas mudanças do presente”. (1972, p.161).

¹⁷ In: MUSSALIN, Fernanda, BENTES, Anna Christina. Introdução à Linguística 1.

Em Weinreich, Herzog e Labov (1968/2006), propõe-se uma Teoria da Mudança Linguística segundo a qual é preciso abordar o estudo da língua como um sistema diferenciado, no qual o entendimento da “mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua.” (2006, p.88). O estudo da mudança requer o mapeamento do início da variação – estágio em que ainda não ocorreu a mudança, ou seja, o momento em que, numa comunidade de fala, um falante aprende uma forma alternativa. Durante algum tempo essas duas formas coexistem e, caso a mudança esteja em curso, com o passar do tempo, uma das formas torna-se obsoleta e a variação desaparece, configurando a mudança linguística.

Ainda de acordo com os autores, “essa transferência ocorre entre grupos de pares de faixas etárias levemente diferentes, ou seja, as crianças não preservam as características dialetais de seus pais, e sim, dos pré-adolescentes” (1968/2006, p.122).

Com base na observação empírica dos falantes de Martha’s Vineyard, Labov observou o estudo da mudança sonora e estabeleceu metodologias para análise de estudos quantitativos ao longo do tempo e propôs dois tipos diferentes de investigação: os estudos de painel (*panel study*) com os mesmos falantes em momentos diferentes; e os estudos de tendência (*trend study*), onde são coletados dados de duas amostras diferentes de falantes. No primeiro caso, o alto custo, as dificuldades de localização dos falantes e a falta de financiamento de longo prazo eram impedimentos para a viabilidade deste tipo de pesquisa. Nos estudos de tendência, os problemas eram os diferentes interesses e métodos dos pesquisadores, que poderiam mudar com o tempo.

Para rastrear as mudanças ao longo do tempo em um único momento, sem registro de outras épocas, Labov analisou variáveis de acordo com diferentes faixas etárias, determinando o estudo da mudança no tempo aparente. Com a observação de variação entre grupos etários, se poderia verificar se havia mudança em progresso.

Para Labov (1972, p.123) existem duas forças que movem o processo de mudança linguística dentro de uma comunidade de fala: são as pressões de baixo (*change from below*) e as pressões de cima (*change from above*).

As mudanças vindas de baixo são mudanças sistemáticas que aparecem no vernáculo, sem que os falantes percebam. Elas são inconscientes e podem ser introduzidas por qualquer classe social, mas geralmente ocorrem pelas classes mais baixas. Essas mudanças de baixo

são a generalização de uma determinada forma linguística num grupo social e são mais difíceis de serem identificadas, enquanto não se torne completa.

As mudanças de cima são introduzidas na comunidade de fala pelas classes sociais dominantes. São formas de prestígio que são percebidas pelo falante, mesmo nos estágios iniciais e que são emprestadas de formas linguísticas com discurso mais cuidadoso.

Para entender como funciona tanto a mudança linguística, como a variação, é preciso compreender o conceito de comunidade de fala e quais são os fatores sociais que integram e operam nesse grupo de falantes, para que se estabeleça esse conceito, como veremos na próxima seção.

3.2 Comunidade de Fala

Diferentes linguistas contribuíram com definições variadas sobre comunidade de fala. Labov considerava a comunidade linguística não como um conjunto de falantes empregando as mesmas formas, mas um grupo de falantes que tem em comum um conjunto de normas compartilhadas para com a língua:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo da utilização de elementos de linguagem, tanto quanto por participação em um conjunto de normas compartilhadas. Estas normas podem ser observadas em tipos evidentes de comportamento avaliativo, e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no que diz respeito a determinados níveis de utilização. (Labov,1972, p. 120-1)¹⁸

Para Patrick (2004, p.574), o termo comunidade de fala ou “Speech Community, Comunidade de fala (SpCom)” tem sido usado para designar diferentes grupos de comunidades com fronteiras geográficas como as dos estudos de Labov (Filadélfia, Labov 1989) e pequenas comunidades (Anniston, Alabama; Feagin 1996), por bairros urbanos ('Veeton' em Kingston, Jamaica; Patrick 1999) e subgrupos (falantes de uma forma vernacular) (Milroy & Margrain 1980) e minorias linguísticas como em "Minoria francófona de Ontário, Canadá" (Mougeon & Beniak 1996, p.69).

Para Guy (2000, p.18), a comunidade de fala é a unidade social da língua e possui duas funções na teoria sociolinguística: explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças

¹⁸ Tradução minha.

linguísticas, a razão por que certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes. E em segundo lugar, a justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais. Guy apresenta um conjunto de características consensuais entre os autores que buscam definir o conceito de comunidade de fala. São elas:

- características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela.
- densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.
- normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas.(Guy, 2000, p.18.)

Ainda de acordo com Guy, a comunidade de fala é o domínio no qual os processos sociolinguísticos de acomodação e convergência ocorrerão, ou seja, as pessoas falam da mesma forma que seus interlocutores. O autor coloca também a questão de atitude e vontade dos falantes, que podem querer ou não se acomodar aos seus interlocutores.

Conforme Guy, podem existir muitas comunidades de fala dentro de uma mesma comunidade. O autor utiliza a metáfora das bonecas russas para explicar:

(...) uma comunidade de fala local, com características localmente distintas, pode pertencer a uma comunidade de fala nacional mais ampla e, finalmente, participar de uma comunidade internacional de falantes de uma mesma língua. Em tal caso, as comunidades estariam encaixadas umas dentro das outras e os falantes compartilhariam o maior número de características com seus vizinhos imediatos, seguidos por compatriotas regionais e nacionais, terminando com um mínimo de características compartilhadas com outros falantes da mesma língua onde quer que se encontrassem no globo terrestre. (GUY, 2000, p.22)

O próximo capítulo traz o detalhamento histórico e social da comunidade de fala estudada nesse trabalho, que são os falantes da amostra do banco de dados VarSul, de Curitiba, capital do estado do Paraná, na região Sul do Brasil.

4. IMIGRAÇÃO EM CURITIBA

A formação do povo paranaense revela um panorama linguístico muito variado, composto por, além do português, línguas indígenas, europeias e asiáticas. A grosso modo, essas várias modalidades do português no Paraná se dividem em três grupos, conforme consta no Manual do Usuário do Banco de Dados do Projeto VARSUL:

"a) a variedade predominante no Norte, que por suas características se aproxima basicamente de falas mineiras e paulistas, trazidas pela população que povoou a região durante a expansão da agricultura cafeeira; b) a variedade predominante no Sudoeste e Oeste, trazida pelos colonos gaúchos e catarinenses descendentes de gaúchos, responsáveis pela ocupação agrícola daquela parte do Estado; e c) a variedade falada no Centro-Sul, que mais individualiza o Estado do ponto de vista linguístico." (KNIES e COSTA. 1996, p.10)

O foco deste trabalho será justamente o terceiro grupo linguístico identificado, que integra a população da capital do Paraná.

Situada no primeiro planalto, 907m acima do nível do mar, Curitiba possui uma área territorial de 435 km² e uma população de 1.751.907 habitantes, segundo dados do IBGE (2010). Como os dados linguísticos deste estudo foram coletados pelo Projeto VARSUL entre 1990 e 1992, entendeu-se como importante, mostrar, também, os dados populacionais da cidade, referentes ao período das entrevistas. Sendo assim, de acordo com o Censo de 1991, do IBGE, Curitiba tinha uma população de 1.313.094 habitantes. Essa informação, somada ao conteúdo relatado pelos entrevistados pode inferir que, à época da coleta de dados, a cidade passava por um importante momento de expansão industrial, com a atração de mão-de-obra de outros estados, e conseqüente crescimento urbanístico, socioeconômico e populacional.

O gráfico 1¹⁹, abaixo, mostra a evolução populacional da capital paranaense e seu comparativo com o Estado e o país, entre os anos de 1991 e 2010 e o gráfico 2 representa a pirâmide etária da cidade, em comparação ao Paraná e ao Brasil.

¹⁹ Fonte: IBGE, <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=410690#>

Gráfico 1 – Evolução populacional no Paraná

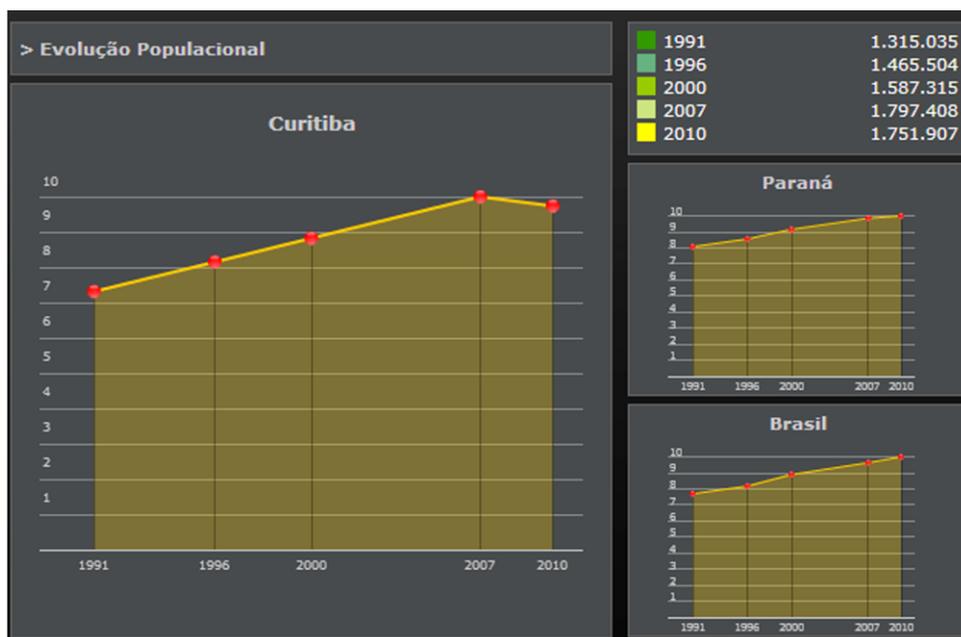


Gráfico 2 – Pirâmide Etária



A cidade tem sua origem no ciclo da exploração do ouro, com a formação de pequenos arraiais de mineradores, oriundos do sertão da Ribeira (pelo Rio Assungui) e pela Serra do Mar. De acordo com Mário Marcondes de Albuquerque²⁰, o nome de Curitiba surgiu do Guarani, *corééé-atuba*, e significa "lugar de muito pinhão", em referência ao imenso parque de araucárias.

²⁰ in "Curitiba que o meu tempo guardou". Edição do autor. Curitiba 1998.

De acordo com Wachovicz (1972, p.42), sempre existiram boas relações entre os índios tinguís, que habitavam a região, e os brancos portugueses. “O fato explica a harmonia existente entre os colonos faiscadores de ouro om o gentio, antes e depois de sua fundação. A harmonia entre esses dois grupos humanos não existiu, por exemplo, em São Paulo, vila esta que foi atacada várias vezes pelo indígena hostil.”

Curitiba foi alçada à categoria de Vila em 29 de março de 1693. A organização política da vila de Curitiba deu-se em função da insegurança dos moradores devido a uma onda de roubos e crimes cometidos por forasteiros. Wachovicz (1972, p.45) explica que a fundação definitiva ocorreu em uma votação junto à capela de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, na qual “os homens bons da vila escolheram seus eleitores. Estes eleitores é que indicavam os componentes da câmara municipal (vereadores), os juízes ordinários, o procurador da câmara e o escrivão”. E, em 1853, a antiga vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais tornou-se Província, sendo, no ano seguinte, designada, por lei Imperial, a Capital da Província do Paraná.

Após sua fundação por garimpeiros portugueses, de acordo com Zanetti (2011 p. 36), Curitiba passou pelo movimento dos tropeiros, do qual foi uma das cidades organizadoras, e depois recebeu a grande imigração de europeus no final do século XIX (1875-1916). Voltou a receber novas levas migratórias nas décadas de 60 e 70, principalmente de oriundos do Norte do Paraná, de gaúchos e catarinenses.

Segundo Mendonça (2009 p.53), na virada do século XX, a imigração fez a população de Curitiba triplicar em menos de 20 anos: "entre 1890 e 1896, para o segundo planalto vieram 28 mil imigrantes e entre 1907 e 1914 chegaram 27 mil."

A capital do Paraná e sua região metropolitana reúnem diferentes origens de formação de sua população (alemães, italianos, ucranianos, poloneses, japoneses, árabes, franceses, suíços e russos). Segundo os dados de uma pesquisa encomendada pelo jornal Gazeta do Povo, intitulada “Retratos de Curitiba”, 55% da população nasceu em outra cidade do Paraná ou em outro estado, e foi para a capital e municípios vizinhos, principalmente, para acompanhar os pais. Ainda de acordo com a pesquisa, isso influencia o comportamento lingüístico, conforme justifica o filósofo e professor da Universidade Positivo, Roni Eder Bernardinis, em matéria publicada no Jornal Gazeta do Povo, em 29 de março de 2009, “o número de pessoas que tem o sotaque forte, típico do curitibano, está diminuindo”, diz. De acordo com a pesquisa, uma parcela ainda considerável da população ouvida, 36%, diz que as

peças que vêm de fora prejudicam a qualidade de vida na cidade; 35% responderam que o curitibano não gosta que pessoas de fora venham morar na cidade, enquanto que 27% pensam que quem vem de longe para morar em Curitiba suja a cidade.

Segundo a pesquisa, uma explicação para esse fenômeno é dada pela socióloga mestre em História e professora da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Isabel Cristina Couto.

“Culturalmente é normal as pessoas não enxergarem com bons olhos quem vem de fora. Temos a tradição de considerar nossa cultura e nossos hábitos como mais importantes do que os dos outros. É o que chamamos de cultura etnocêntrica”. Na visão da professora, o olhar crítico sobre os que vão de outros lugares para a capital paranaense pode ser explicado pelo discurso popularizado no século 20 de que Curitiba é a cidade em que tudo dá certo. “No imaginário coletivo a ideia de que o curitibano zela pela limpeza de sua cidade é muito forte. Aí quando os cidadãos veem que algo saiu da normalidade, eles não conseguem enxergar que é um problema institucional e atribuem àqueles que vêm de fora”.

De acordo com outra pesquisa do mesmo jornal, *Gazeta do Povo*, “Curitiba no século XXI – O perfil da Cidade”, 90% dos curitibanos se orgulham do título de povo tradicional em pleno século XXI, tendo o conservadorismo político e cultural evidenciado, assim como o “patriotismo da cidade”²¹.

Sobre a origem da pronúncia diferenciada, o professor Marcio Renato Guimarães, doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Paraná, postula que o que ocorreu é que, em determinado momento da história do português do Brasil, em algumas regiões (supõe-se que na área central de Minas Gerais) a pronúncia do /e/ final foi se transformando em /i/, o que ocasionou a pronúncia do /t/ como /tʃ/ e do /d/ como /dʒ/, como em /leitʃi/ e /ondʒi/.

Essa pronúncia foi se espalhando por várias zonas dialetais do português do Brasil, onde hoje é pronúncia padrão, mas não atingiu algumas regiões — como boa parte do interior do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e também do interior de São Paulo —, que continuaram pronunciando essas palavras como sempre tinham pronunciado. Essas características de pronúncia continuaram fortes em Curitiba, e a cidade passou a ser lembrada pelo seu dialeto, ou sotaque “leitE quentE”.²²

Pode-se associar que a marca curitibana de ojeriza aos forasteiros tenha sido herdada de seus primeiros habitantes, desde o tempo em que ainda era a pacata Vila, erguida ao redor do local onde hoje está a Praça Tiradentes e a Catedral Metropolitana, que acabou formalizando

²¹ “Curitiba no Século XXI” – O perfil da Cidade. *Jornal Gazeta do Povo*.

²² idem

sua fundação justamente em razão da perturbação da ordem pública pelos forasteiros. A capital paranaense pode estar imprimindo certa resistência, também, à variação linguística identificada no restante do país. Essa influência social no comportamento da língua é um dos objetos de investigação desse estudo.

Em Mendonça (2009 p44 e 45) conforme levantamento realizado em 2008 pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), metade da população de Curitiba é de origem forasteira, curitibana por opção. Apenas 48% dos moradores nasceram em Curitiba. 35% vieram do interior do Paraná e 17% de outros estados do Brasil. "Os curitibanos, hoje, são, em maioria, pessoas que não nasceram em Curitiba. Pessoas como eu, que fizeram a opção de vir pra cá, e não pessoas que nasceram aqui. Na maior parte dos casos, portanto, são curitibanos não por nascimento, mas por opção. Curitiba é uma cidade de migrantes, pluralista, uma cidade cosmopolita."

5. METODOLOGIA DE PESQUISA

5.1 Constituição da Amostra

A amostra é constituída por 12 informantes dos 24 existentes no banco de dados de Curitiba do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana do Sul do País). O projeto tem por objetivo geral a descrição do português falado no Sul do Brasil, e está sediado em quatro Universidades, abrangendo os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná²³. Esses 12 informantes escolhidos foram entrevistados entre os anos de 1990 e 1992 e foram selecionados da seguinte forma: seis homens (M) e seis mulheres (F); seis com idades de até 49 anos (N) e seis com 50 anos ou mais (V); e sete com escolaridade ensino fundamental ou primária (A) e cinco com escolaridade de ensino médio ou ginásio (B), como mostra o quadro a seguir²⁴.

Quadro 1 – Estratificação

M	N	A	01, 07
		B	11
	V	A	13, 23
		B	17
F	N	A	10, 19
		B	18
	V	A	14
		B	06, 24

No quadro 1, os números que ocupam as pontas do esquema (01, 17, 11, 13, 23, 17, 10, 19, 18, 14, 06 e 24) são os números dos informantes do banco de dados do Varsul. Para facilitar a comparação entre os informantes ouvidos nesse trabalho e os ouvidos nos estudos de Schwindt (1995) e Vieira (2009), o quadro 2 ilustra melhor, como pode ser visto a seguir.

²³ <http://www.varsul.org.br/>

²⁴ Como a divisão por escolaridade foi adaptada para a denominação moderna, ensino fundamental e ensino médio, houve uma pequena diferença na distribuição dos informantes para esse fator, pois no Varsul são divididos em (nível fundamental I - de 1 a 4 anos de escolaridade, nível fundamental II - de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio - de 9 a 11 anos de escolaridade).

(Quadro 2) - Seleção da amostra de informantes

	Luiz Carlos Schwindt *foi analisada toda a entrevista	Maria José Blaskovski Vieira. **Foram analisados só os primeiros 20 minutos.	Larissa Limeira ***foram analisados os 30 minutos intermediários
01		MN	MN
02	MV	MV	
03		MN	
04		F	
05	MN	MN	
06	FV	FV	FV
07	MN		MN
08	FN	FN	
09	MN		
10		FN	FN
11			MN
12	FN	FN	
13	MV	MV	MV
14	FV	FV	FV
15	MV		
16		FV	
17			MV
18			FN
19	FN	FN	FN
20		FV	
21		MV	
22	FV	FV	
23			MV
24			FV

Legenda:

	Informantes comuns nos três trabalhos
	Mesmos informantes em Schwindt (1995) e Vieira (2009)
	Informantes analisados nesse estudo e que não foram considerados nos trabalhos de Schwindt (1995) e Vieira (2009)
	Demais informantes do banco de dados

5.2 Corpus

A escolha da amostra para esse trabalho foi realizada com base na observação dos informantes usados em outros dois estudos: SCHWINDT (1995) e VIEIRA (2009). De um total de 24 informantes no banco de Curitiba do VARSUL, percebeu-se que entre os informantes desses estudos, nove eram os mesmos. Importante destacar que cinco dos que integraram a amostra desse trabalho não foram ouvidos nos trabalhos anteriormente citados e quatro são os mesmos informantes nesses três estudos. (ver quadro 2 em anexo)

Para efeito de identificação se o informante era um fator que possivelmente influenciava no não alçamento, a variável "informante" também foi controlada.

Devido à abundância dos dados e à percepção de que, nos minutos iniciais da entrevista, os informantes demonstravam certa timidez e controle sobre o modo de falar, assim como, no final da entrevista, já era perceptível o cansaço nas respostas, foram ouvidos os 30 minutos intermediários de cada entrevista, cada qual com duração de aproximadamente 90 minutos.

Assim como observado no estudo de (GUZZO, 2010), ao contrário de outros estudos a respeito da elevação das vogais átonas, alguns contextos considerados de elevação categórica foram incluídos na análise, sendo quantificadas palavras iniciadas por /eN/, /eS/ ou prefixo /des/ e palavras com hiato.

5.3 Seleção das Ocorrências (Variáveis)

5.3.1 Variável dependente

Consistiu-se como variável dependente, neste trabalho, o não alçamento das vogais médias /e/ e /o/ em posições átonas e no clítico. Embora os estudos anteriores tragam como variável dependente o alçamento das vogais como fator de aplicação, uma vez que o conceito de regra variável tem dentro dele uma ideia de mudança, nosso trabalho irá focar na não mudança, ou seja, na preservação da vogal média na comunidade de fala de Curitiba. Por ser permitido, do ponto de vista estatístico²⁵, olhar para qualquer uma das variantes da variável

²⁵ Tagliamonte diz a respeito do modelo estatístico que subjaz ao VARBRUL: “it is symmetrical with respect to binary choices. It doesn’t matter which value is the application value; the model has the same form.”

dependente como foco, a variável dependente do nosso trabalho será a não aplicação do alçamento das vogais médias.

5.3.2 *Variáveis independentes*

As variáveis independentes, controladas nesse estudo, dividem-se em variáveis linguísticas e extralinguísticas. As variáveis linguísticas para as vogais médias pretônicas são: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, presença de vogal alta na palavra, acento na vogal alta. Para as vogais médias postônicas, foram controladas as variáveis contexto fonológico precedente, contexto vocálico (se com ou sem a presença de vogal alta), o tipo de sílaba (se com coda ou sem coda) e a posição da vogal média na palavra (se em terminação ou em sufixo). Para os clíticos, foram controlados o tipo de clítico e o contexto fonológico precedente. As variáveis extralinguísticas ou sociolinguísticas controladas foram: sexo, idade, escolaridade e o próprio informante. Importante destacar que os dados de pretônicas, postônicas e clíticos foram rodados separadamente.

5.3.2.1 **Variáveis Linguísticas**

Para as vogais médias pretônicas:

a. Contexto fonológico precedente

Esse fator identifica quais os tipos de consoantes, que ocorrem antes da vogal alvo, podem influenciar no comportamento das vogais /e / e /o /. Dessa forma, destacamos os seguintes possíveis contextos para esse estudo: labial (bebedouro, porcentagem); coronal oclusiva (desemprego, donte); coronal líquida (prefeito, lotado); coronal nasal (nencessidade, noturnos); dorsal (queria, conseguimos); fricativas /s / e /z / (serviço, sotaque); demais fricativas (felicidade, vontade) e fronteira de palavra (exato, orgulho).

(2006, p. 133). A função que garante isso (*logit link function*) distingue o modelo do VARBRUL de outros modelos estatísticos.

b. Contexto fonológico seguinte

Assim como o contexto precedente, o contexto seguinte à vogal média pode influenciar na preservação ou elevação dessa vogal. Para esse estudo, foram controlados os seguintes contextos: labial (cemiterio, domingos), dorsal (pequeno, procure), coronal líquida (felicidade, porque), coronal oclusiva (pretendo, lotado), coronal nasal (benéfico, consegue), fricativa /s/ e /z/ (exatamente, acostumado), demais fricativas (devagarinho, projeto), vogal (ameaçados, moinho).

c. Presença de vogal alta na palavra

Para controlar e testar a hipótese de harmonia vocálica separamos a presença de vogal alta na palavra como em (mendigo, futebol, movimento, acostumado).

d. Acento na vogal alta

Com o objetivo de saber se o acento na vogal alta tem influência sobre o comportamento da vogal média, controlamos também esse fator, como em (simplesmente, servico, domingos, movimento).

Para as vogais médias postônicas

a. Contexto fonológico precedente

Esse fator identifica quais os tipos de consoantes podem influenciar no comportamento das vogais /e/ e /o/. Dessa forma, destacamos os seguintes possíveis contextos para esse estudo: labial (sobe, bailamos); coronal oclusiva (vontade, dezoito); coronal líquida (ele, dentro); coronal nasal (ligeirinho); dorsal (sotaque, mendigo); fricativas /s/ e /z/ (esse, abraço); demais fricativas (tive, vejo) e vogal (espécie, usuário).

b. Contexto vocálico

Essa variável é a qual as vogais médias /e/ e /o/ podem se elevar, influenciadas pela presença de vogal alta /i/ ou /u/, ou baixa /a/, em ocorrências como (domingos, trânsito, dirige, particulares).

c. Tipo de sílaba

O tipo de sílaba, se leve ou pesada, ou a ocorrência ou ausência de coda também podem influenciar no comportamento das vogais médias. Para nosso estudo, controlamos as variáveis /m/ coda soante (passagem), /s/ coda (vezes, interbairros) ou /y/ sem coda (acidente, tudo).

d. Posição da vogal média na palavra

Com essa variável foi possível controlar se a vogal média postônica integrava a base da palavra, como terminação (velocidade, carro), ou se estava fora da raiz, pertencendo ao sufixo (fazem, carrinho). Com base em outros estudos (Vieira 2002), quando a vogal postônica está na raiz, ela tende a ser preservada, e quando ela compõe o sufixo, tende a ser elevada.

Para separar as palavras com vogais postônicas finais e não-finais foi incluído um código diferenciador. Embora as postônicas não-finais apresentem poucas ocorrências nos dados estudados, elas foram consideradas, num primeiro momento de análise (ex.: época, número).

Para os clíticos:

a. Tipo de clítico

Com base no trabalho de (GUZZO, 2010), controlamos o próprio tipo de clítico como fator condicionador de preservação ou elevação nas vogais /e/ e /o/, são eles: (que, de, te, me, se, em) e (no, nos, por, do, dos, com, pro, pros).

b. Contexto fonológico precedente

Controlamos o contexto precedente nos clíticos com os fatores: labial (por, me), oclusiva (do, dos, de, te), líquida (pro, pros), nasal (no, nos), dorsal (que, com), fricativa (se) e fronteira de palavra (em), rodando conjuntamente.

5.3.2.2 Variáveis Extralinguísticas

a. Sexo

Com base em estudos sociolinguísticos que apontam que as mulheres possuem uma tendência a incorporar na fala, elementos mais inovadores do que os homens, destacamos o fator sexo para identificar se, em nossa pesquisa, ele realmente tem influência na preservação das vogais médias em pretônicas e clítics.

b. Idade

A faixa etária do informante, de acordo, com vários estudos sociolinguísticos, é um fator importante na preservação ou mudança de um fenômeno. Com base no estudo de (VIEIRA, 2002), que traz como hipótese o fato de que falantes mais velhos tendem a preservar as vogais médias e falantes mais novos tendem a elevá-las, dividimos nossos informantes em duas faixas etárias: informantes com até 49 anos e informantes com 50 anos ou mais, que é a mesma estratificação adotada pelo Varsul.

c. Escolaridade

Como em diversos estudos a escolaridade tem se destacado no comportamento linguístico dos falantes em relação ao uso de determinada variante, também consideramos esse fator em nosso trabalho. Dividimos nossos informantes em dois grupos: os que possuem até o ensino fundamental e os que possuem ensino médio.

d. Informante

Incluímos esse fator condicionante para verificar se o comportamento de informantes individuais é diferente com relação a aplicação de diferentes regras e, assim, verificar se dentro da mesma amostra existe informante que possa estar fugindo de um padrão ou regra geral esperada.

5.4 Codificação dos Contextos e Ferramentas Estatísticas

Para facilitar o trabalho de visualização da codificação, foi criado o quadro x abaixo, que contém todas as variáveis identificadas conforme a ordem em que aparecem nos arquivos de dados. No rodapé do quadro, está a divisão dos informantes por faixa etária e por sexo, para facilitar a organização durante a etapa de análise dos dados e digitação.

Quadro 3:

CODIFICAÇÃO DE VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS ELEVAÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS /e/ E /o/					
Variáveis Linguísticas			Variáveis Extralinguísticas		
(1) VARIÁVEL DEPENDENTE			(2) SEXO		
0	Não eleva		F	Informante Feminino	
1	Eleva		M	Informante Masculino	
Pretônicas		Postônicas não finais e finais	(3) IDADE		
(5) a.CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE		(5) a.CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE	Até 49 anos	[N]	
[l] labial (pedido, porque)		[l] labial (sobe, campo)	50 anos ou mais	[V]	
[d] coronal oclusiva (dezoito, dormir)		[d] coronal oclusiva (vinte, muito)			
[q] coronal líquida (precisando, projeto)		[q] coronal líquida (ele, outro)			
[n] coronal nasal (necessidade, novidade)		[n] coronal nasal (telefone, moinho)			
[k] dorsal (pequeninho, começaram)		[f] coronal fricativa (esse, disso)	(4) ESCOLARIDADE		
[s] fricativas /s/ e /z/ (serviço, sorvete)		[k] dorsal (porque, domingos)	A	Ensino fundamental	
[#] fronteira de palavra (exato, hospitais)		[v] vogal (séries, horários)			
[c] outras fricativas (felicidade, chovia)					
(6) b.CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE		(6) b.CONTEXTO VOCÁLICO	B	Ensino médio	
[m] labial (debates, começou)		[i] com vogal alta (clube, tudo)			
[g] dorsal (pequeno, procurado)		[a] sem vogal alta (tarde, cedo)			
[t] coronal oclusiva (apetite, modelo)			1	A	CUR 01
[z] fricativas /s/ e /z/ (precisando, possível)					
[f] outras fricativas (severidade, novidade)			2	B	CUR 06
[p] nasal (sentir, construção)					
[j] líquidas (queria, frigorífico)					
[v] vogal (veado, doente)					
(7) c.PRESENÇA DE VOGAL ALTA NA PALAVRA		(7) c.TIPO DE SÍLABA	3	C	CUR 07
[i] com vogal alta i (relativo, movimento)		[m] coda soante (porcentagem) ²⁶	4	D	CUR 10
[a] sem vogal alta (depende, cotovelo)		[s] coda /S/ (eles, menos)	5	G	CUR 11
[u] com vogal alta u (segundo, conjunto)		[y] sem coda (nome, oito)	6	H	CUR 13
			(9) INFORMANTE		

²⁶ Não foram encontrados dados de coda soante com vogal média/o/.

(8) d.ACENTO NA VOGAL ALTA	(8) d.POSIÇÃO DA VOGAL MÉDIA NA PALAVRA	7	I	CUR 14	
[r] com acento (especialista, domingos)	[z] terminação de palavra (presidente, cinco)	8	E	CUR 17	
[x] sem acento (derrubado, acostumado)	[x] no sufixo (esteve, bailamos)	9	J	CUR 18	
[o] não se aplica (dezenove, acontecem)		10	K	CUR 19	
	(9) marcador de postônica final ou não final				
	[+] final (debate, cento)				
	[:] não final (número, árvore)				
CLÍTICOS		11	L	CUR 23	
(5) Tipo	[2] no	[!] que			
	[3] nos	[@] de			
	[4] por	[\$] te			
	[5] do	[%] me			
	[6] dos	[*] se			
	[7] com				
	[8] pro				
	[9] pros				
	(6) Contexto fonológico precedente	[l] labial (me, por)			
[d] coronal oclusiva (de, te, do, dos)					
[g] coronal líquida (pro, pros)					
[n] coronal nasal (no, nos)					
[f] coronal fricativa (se)		12	F	CUR 24	
[k] dorsal (que, com)					
Faixa Etária	Masculino	Feminino			
Até 50 anos	01 / 07 / 11	10 / 18 / 19			
Mais de 50 anos	13 / 17 / 23	06 / 14 / 24			

Os arquivos foram codificados conforme exemplos abaixo:

Pretônicas com /e/:

(1MNA_dmaoc depende

(1MNA_sjirc serviço

(0MNA_dmaoc depende

(0MNA_qjirc relativo

(1MNA_lzirc pescueiros

Clíticos com /e/:

(0MNA_k!a que

(0MNA_l%a me

(0MNA_k!a que

(0MNA_d\$a te

(0MNA_d@a de

Postônicas com /e/:

(0MNA_dayx+a exatamente

(0MNA_fayx+a esse

(1MNA_qayz+a ele

(1MNA_diyz+a vinte

(1MNA_famx+a porcentagem

Pretônicas com /o/:

(0FNA_sgaod socorro

(0FNA_cjaod forçando

(0FNA_cjaod forçando

(1FNA_kpaod conversando

(0FNA_kpaod acontece

Postônicas com /o/:
(0FVBqayz+b desejo
(0FVBqiyz+b ouro
(0FVBqiyz+b ouro
(0FVBdayz+b todo
(0FVBnayz+b ano

Clíticos com /o/:
(0MVBk7e com
(0MVBq8e pro
(0MVBq9e pros
(0MVBq9e pros
(0MVBn2e no

Após a codificação e digitação dos dados, foi utilizada a ferramenta Goldvarb em sua versão 2001, ambiente Windows, para realizar a análise quantitativa dos resultados²⁷. A figura 1 abaixo mostra a janela inicial do Goldvarb2001.

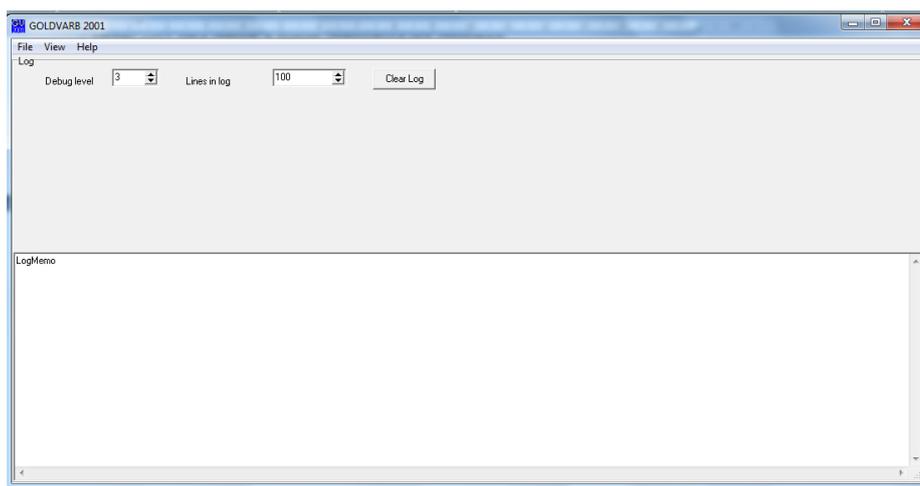


Figura 1 (janela principal do Goldvarb 2001)

Para iniciar a inclusão dos arquivos de dados digitados, previamente, no aplicativo “Bloco de notas” do programa Windows, é necessário clicar na opção View e, em seguida, em Token. (figura 2)

²⁷ Para os leitores que tiverem maior familiaridade com o programa, recomendamos que pulem a leitura da parte que segue, pois se trata de um passo-a-passo bastante simples, elaborado para auxiliar o trabalho de análise dos dados com o Goldvarb.

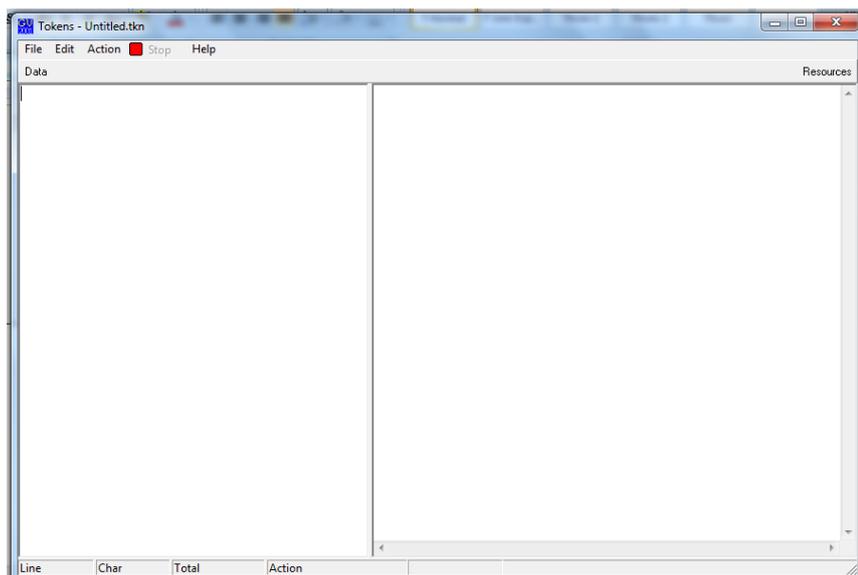


Figura 2 (Janela *tokens*)

Logo depois, clique em *File* e *New*, caso precise colar os dados previamente copiados do bloco de notas. Outra forma de criar o arquivo sem correr riscos de erros, principalmente quando o volume de dados é muito grande, é clicando em *File* e *Open*, e buscar diretamente o arquivo do bloco de notas. Para isso, é necessário modificar a seleção tipo de arquivo para abrir todos os arquivos. Dessa forma, todos os dados são importados automaticamente para o arquivo de *Tokens* do programa Goldvarb. (figura 3)

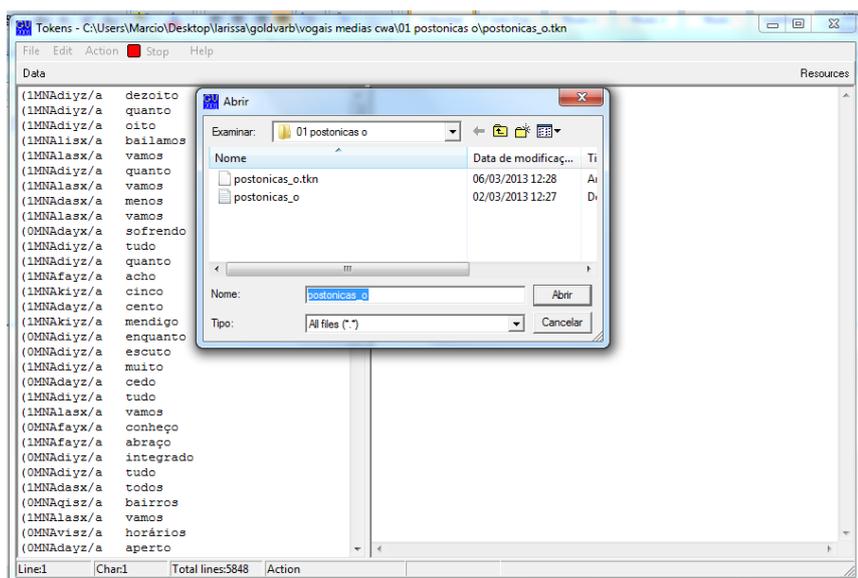


Figura 3 – Importação de dados digitados

Finalmente, após esse passo, é necessário salvar os dados digitados ou importados, clicando em *File>Save as*.

Com os arquivos salvos, é hora de iniciar a inclusão dos grupos de fatores estudados no programa. Para isso, é necessário retornar para a janela principal do Goldvarb e clicar em *View>Groups*. (ver figura 4)

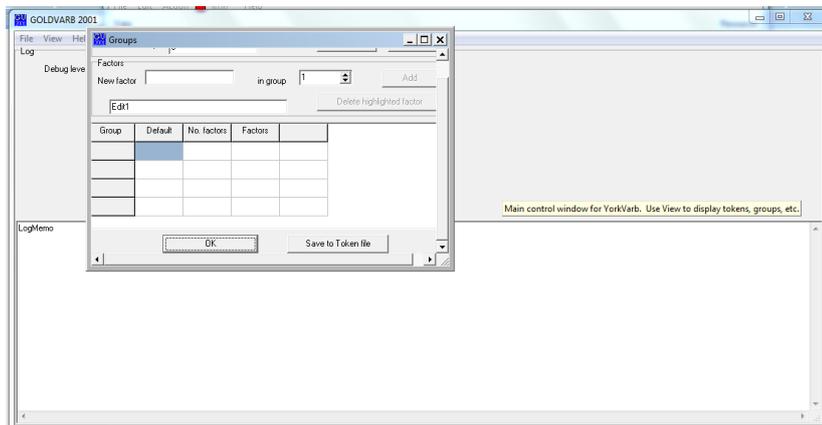


Figura 4 – Grupos de Fatores

Para inserir os grupos de fatores, é necessário clicar em *New Group*, digitar as variáveis em *New Factor* e clicar em *Add*, No campo *Default*, é preciso digitar um fator considerado base. Após concluir a digitação de cada um dos grupos de fatores, deve-se clicar em *save to tokens file* e finalmente, em *ok*. Com os grupos todos inseridos (figura 5), pode-se partir para a etapa de checagem dos fatores.

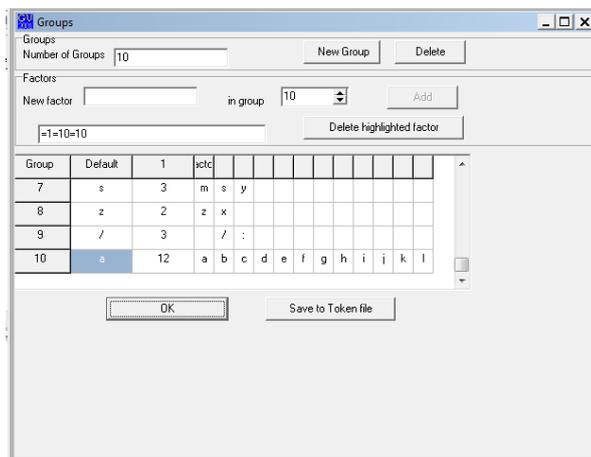


Figura 5 – Checagem de fatores

O Golvarb2001 permite a verificação de qualquer possível erro de digitação na seqüência de códigos. Para acionar a checagem, basta acessar a janela *Token* e clicar em *Action>No Recode*. Em seguida, deve-se clicar novamente em *Action>Check Tokens*. Os erros de digitação devem ser corrigidos um a um e eles aparecem na janela principal do

Goldvarb2001, com a indicação da linha em que está o fator digitado equivocadamente. Quando todos os fatores são verificados e corrigidos, aparece a seguinte mensagem “*Checking of tokens completed 5848 tokens in 5848 lines*”, conforme figura 6 abaixo:

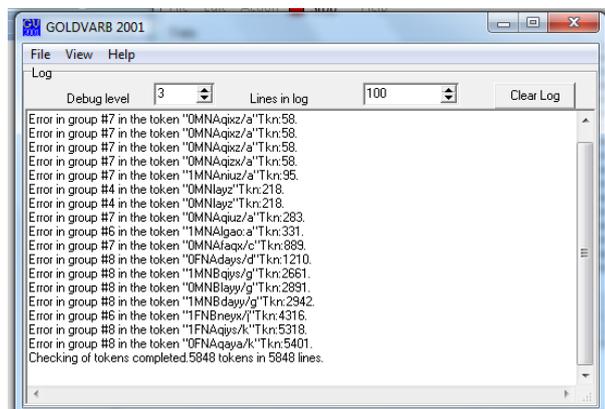


Figura 6 – *Check Tokens*

Com todos os fatores conferidos, chega o momento de partir para os resultados. Para isso, é necessário retornar para a janela principal do Goldvarb e clicar em *View>Results*. Dentro da janela *Results*, deve ser escolhido o comando *Action* e em seguida, *Load cell to memory*. Para que os dados comecem a ser rodados, é necessário informar o valor de aplicação, que no caso deste trabalho, é o “0”. Clicando em ok, irá aparecer a seguinte tela (figura 7), que trará os primeiros resultados.

The screenshot shows the Tokens application window. The title bar reads 'Tokens - F:\resultados dissertação\postonicas_e\primeiros resultados postonica...'. The menu bar includes 'File', 'Edit', 'Action', 'Stop', and 'Help'. The main area displays a table of results with columns for 'Data' and 'Resources'. The table content is as follows:

Data		Resources	
%	68 31		
Total N	2864 1187 4051		
%	70 29		

2 (3)			
N N	1689 927 2616 64		
%	64 35		
V N	1175 260 1435 35		
%	81 18		
Total N	2864 1187 4051		
%	70 29		

At the bottom of the window, there is a status bar with the text 'Line:1 Char:1 Total lines:499 Action'.

Figura 7 - Resultados

Além dessa tela, o programa abrirá, automaticamente, outras duas telas com as células (*Cells*) e com as condições (*Conditions*), como na figura 8.

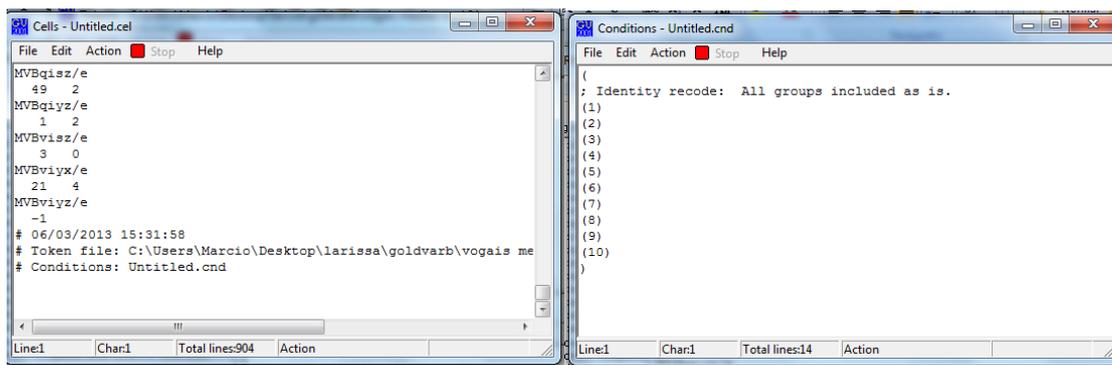


Figura 8 – Condições

De posse dos primeiros resultados, podem ser minimizadas as telas de *Cells*, *Conditions*, *Tokens* e *Groups* e focalizar a análise desses resultados. Nesse momento, é possível que sejam apresentados alguns erros, como quando algum grupo não apresenta ocorrências ou quando todos os dados são referentes ao mesmo grupo. Esses problemas são conhecidos como *KnockOut* ou nocaute, “quando um fator corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY e ZILLES, 2007, p.158). Para eliminar *KnockOuts*, é preciso verificar se são dados que possuem pequenas quantidades de exemplos ou se são nocautes verdadeiros. (GUY e ZILLES, 2007, p.159) Ver figura 9.

Symbol	Letter	Col 1	Col 2	Col 3	Col 4
\$	N	10	5	15	0
	%	66	33		
%	N	30	6	36	2
	%	83	16		
&	N	0	1	1	0
	%	0	100		* KnockOut *
*	N	105	35	140	9
	%	75	25		
;	N	14	61	75	4
	%	18	81		

Figura 9 - *knockOuts*

Para eliminar esse problema, “há duas maneiras principais de eliminar o fator com nocaute e, ao mesmo, tempo, reter os dados: amalgamar o fator com outro, ou não usar o fator na análise” (GUY e ZILLES, 2007, p.160).

Com a primeira rodada concluída e livre de problemas, é hora de partir para a análise binomial, que irá apresentar os resultados referentes ao input, peso relativo e grupos

favoráveis a ocorrência do fenômeno em estudo. Para realizar essa análise é preciso clicar na janela *Results* e ativar a função *Action > Binomial Up & Down*. (figura 10).

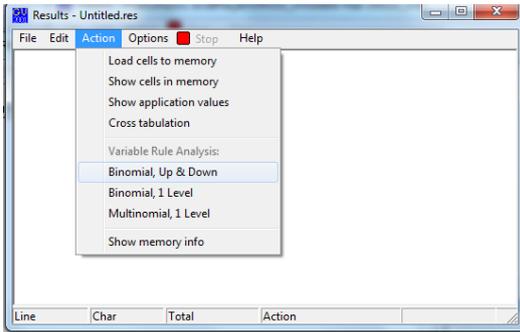
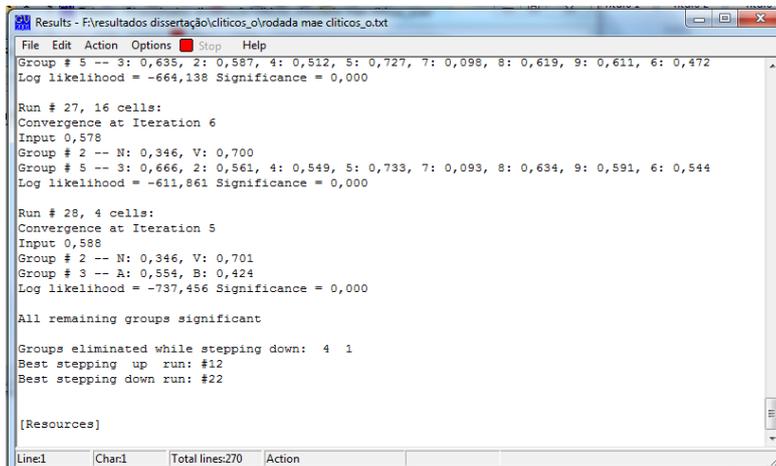
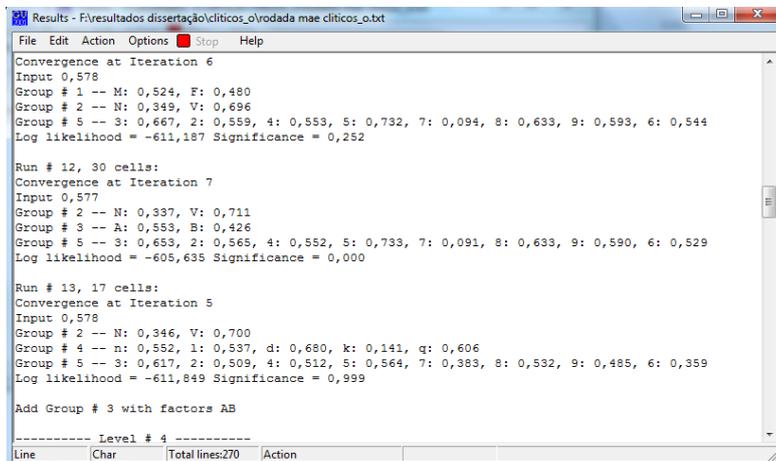


Figura 10 - Rodadas

Nessa análise, aparecerão os grupos de fatores que favorecem a presença do fenômeno estudado, além dos grupos de fatores eliminados e das melhores rodadas para análise. (figuras 11 e 12)



Figuras 11 e 12 – Leitura das rodadas

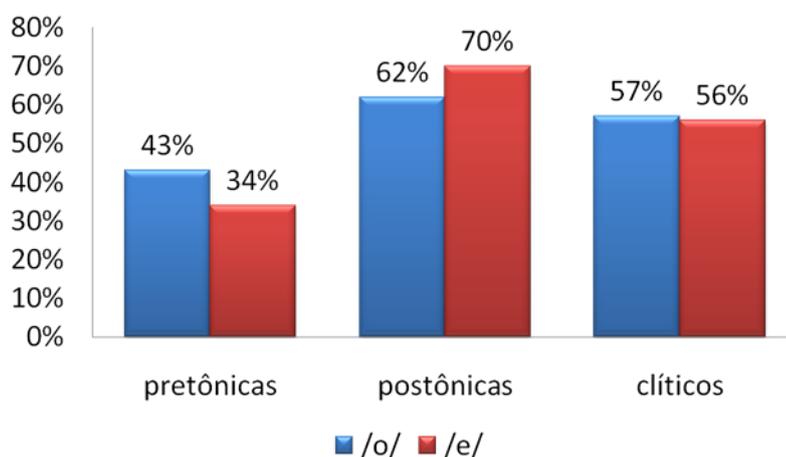
6. ANÁLISE E RESULTADOS

6.1 Geral

Os dados coletados foram rodados no programa estatístico Goldvarb 2001 e serão apresentados a seguir na seguinte ordem: (a) pretônicas /e/; (b) pretônicas /o/; (c) postônicas /e/; (d) postônicas /o/; (e) clíticos /e/; e (f) clíticos /o/.

Como primeiros resultados, é possível observar no gráfico 3, que os percentuais de preservação das vogais médias pretônicas em nossa análise são maiores na vogal /o/, do que na vogal /e/. Nas postônicas, a vogal /e/ é responsável por 70% de não elevação, contra 62% da vogal /o/, demonstrando que a preservação das vogais médias nessa posição é maior do que em pretônicas e em clíticos. Nestes últimos, os percentuais não diferem tanto entre /e/ e /o/ e esses valores permitem inferir que, nessa comunidade de fala, diferente do que foi encontrado nos trabalhos anteriores, relativos a amostras de outras comunidades, sobre essas palavras, os clíticos não apresentam tendência tão acentuada de elevação.²⁸

Gráfico 3 – Percentuais gerais de não elevação:



Como a variável informante interfere no resultado dos fatores sociais, ela foi retirada das rodadas e verificada somente para a análise comparatória de comportamento do mesmo

²⁸ Em GUZZO (2010), a análise foi voltada para a elevação como fator de aplicação e os clíticos foram os maiores favorecedores de elevação, em comparação às postônicas e pretônicas.

informante nos diferentes contextos de vogais médias estudados nesse trabalho, conforme representado nos gráficos 4 e 5²⁹.

Gráfico 4 – Comportamento informantes vogal média /e/:

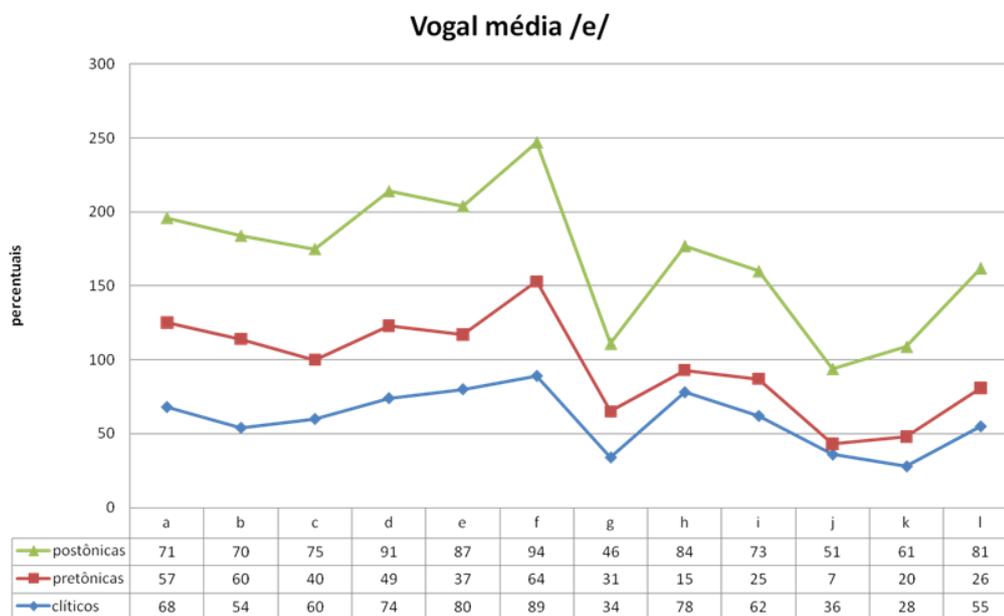
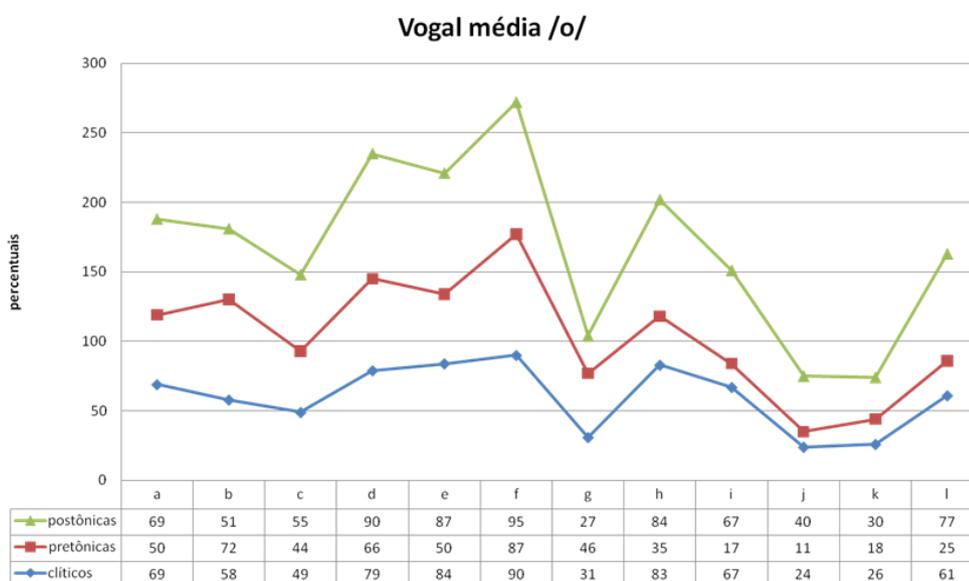


Gráfico 5 - Comportamento informantes vogal média /o/:

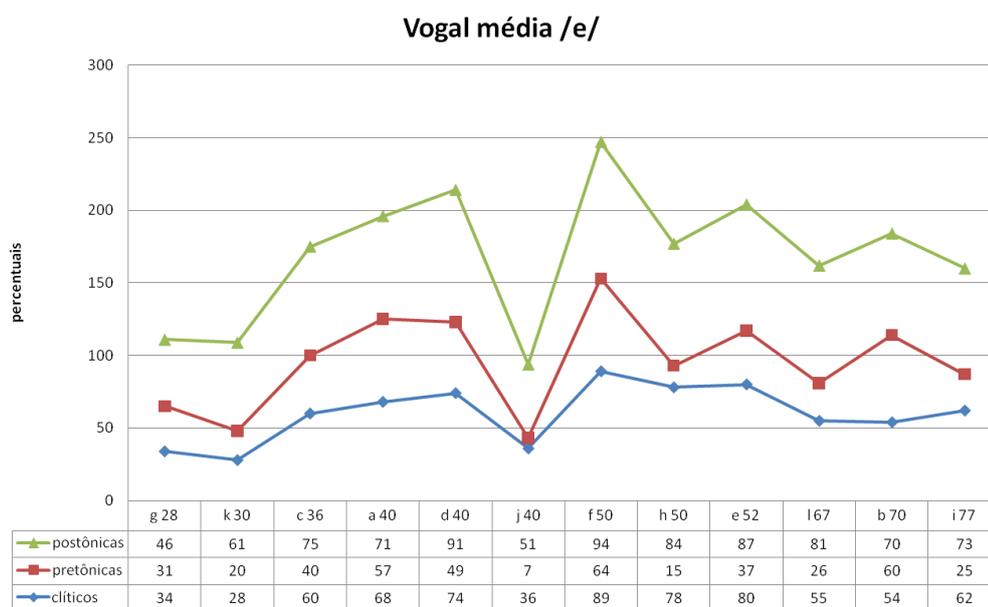


²⁹ Os informantes estão aqui organizados por letras, correspondentes à codificação aplicada na etapa de análise dos dados, conforme o quadro 2, em anexo.

Como pode ser observado nos gráficos acima, os informantes tendem a manter um comportamento uniforme para os diferentes contextos das vogais médias, tanto em /e/, quanto em /o/. Isso contraria a nossa hipótese inicial de que um mesmo informante pode ter comportamentos diferentes para a variação em posição pretônica, postônica e nos clíticos, como por exemplo: elevar a vogal média em pretônica e preservar em posição postônica. Outro fator importante que se destaca é que existem muitas diferenças entre informantes, principalmente entre o “f” e o “j”, por exemplo. O primeiro tem forte tendência a preservar as vogais médias em quase todos os dados, enquanto o segundo, demonstra o contrário. Esses dois informantes não estão presentes no corpus dos trabalhos de Schwindt (1995) e Vieira (2009), mas não tivemos como confirmar se essa exclusão foi proposital.³⁰ Podemos inferir, portanto, que a diferença de nossos resultados para os dos trabalhos anteriores pode ser explicada pela atuação do informante.

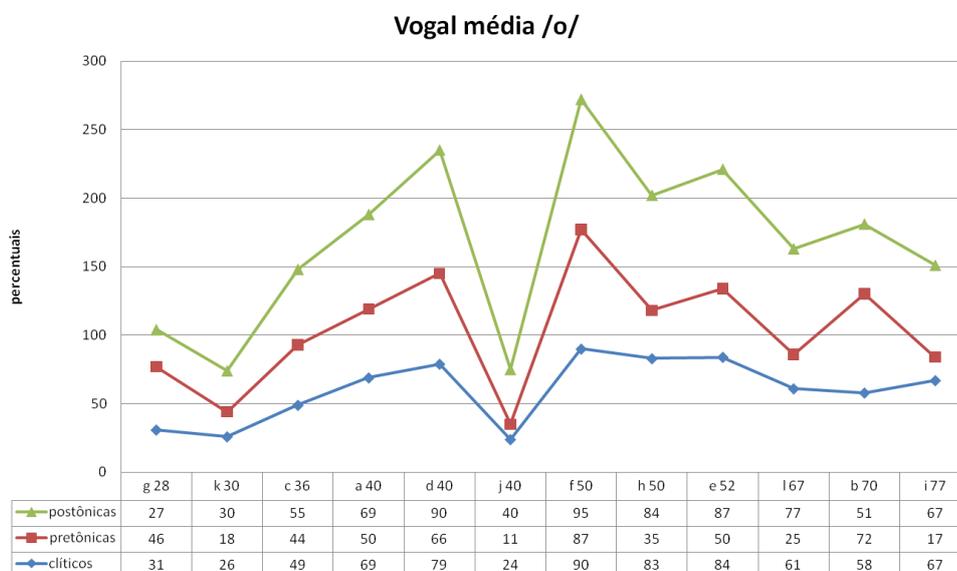
Para verificar se o fator idade pode influenciar mais na não elevação da vogal média na comunidade de fala estudada, decidimos visualizar, por meio de gráfico, a análise por idade de cada informante, conforme os gráficos 6 e 7.

Gráfico 6 – Informantes ordenados por idade (vogal /e/):



³⁰ Tivemos acesso aos informantes escolhidos nas amostras desses dois trabalhos e usamos como comparativo para a construção de nossa amostra conforme o quadro 2 em anexo. Agradecemos aos professores Luiz Carlos Schwindt e Maria José Blaskovski Vieira por disponibilizar esses detalhes sobre as amostras estudadas em seus trabalhos.

Gráfico 7:



6.2 Por Fenômeno

a) Vogais médias pretônicas com /e/

Para essa variável foram analisados 788 dados. Na primeira rodada com os dados de vogais médias pretônicas com /e/, foram selecionados os seguintes grupos de fatores: idade, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte, conforme as tabelas 1, 2 e 3, abaixo:

Tabela 1 - Idade:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
50 anos ou mais	146/352	41	0,57
Até 49 anos	126/436	28	0,43
Total	272/788	34	
Input	0,32		
Significância	0,001		

Tabela 2 - Contexto precedente:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Líquida (precisando)	48/73	65	0,74
Labial (pedido)	40/76	52	0,62
Coronal oclusiva (dezoito)	58/134	43	0,60
Fricativa [s] e [z] (serviço)	21/58	36	0,54
Demais Fricativas (felicidade)	16/38	42	0,47
Dorsais (pequeninho)	1/3	33	0,39
Fronteira de palavra (exato)	87/398	21	0,39
Nasais (necessidade)	1/8	12	0,22
Total	272/788	34	
Input	0,32		
Significância	0,001		

Observamos que o ranqueamento entre os fatores **fricativa [s] e [z]** e **demais fricativas** estabelecido pela porcentagem de aplicação não se mantém no peso relativo desses fatores. Para fins da análise aqui realizada, não foi possível fazer outras verificações para descobrir se há alguma interação provocando essa inversão. Deve-se observar que os demais fatores mantém, no que se refere ao peso relativo, o mesmo ranking estabelecido pela porcentagem de aplicação.

Tabela 3 - Contexto seguinte:

fator	aplicação/total	%	peso relativo
Vogal (veado ³¹)	11/14	78	0,80
Coronal oclusiva (apetite)	31/43	72	0,74
Demais Fricativas (severidade)	13/22	59	0,68
Líquida (queria)	27/54	50	0,64
Labial (debates)	38/89	42	0,57
Nasal (sentir)	31/120	25	0,45

³¹ Aqui a informante faz referência ao animal, mais precisamente, a uma marca de cigarros produzidos no Brasil no início do século XX.

Fricativas [s] e [z] (precisando)	108/405	26	0,43
Dorsal (pequeno)	13/41	31	0,42
Total	272/788	34	
Input	0,32		
Significância	0,001		

Observamos que, entre, por um lado, os fatores **nasal** e **fricativa [s] e [z]** e, por outro, o fator **dorsal**, o ranqueamento estabelecido pela porcentagem de aplicação não se mantém no peso relativo desses fatores. Para fins da análise aqui realizada, não foi possível fazer outras verificações para descobrir se há alguma interação provocando essa inversão. Possivelmente, o número de ocorrências para os fatores elencados esteja na base da explicação. Não fizemos recodificações porque, num primeiro momento, priorizamos manter a manutenção dos fatores originalmente previstos, para fins de comparação com outras análises.

Em nosso trabalho, os informantes mais velhos preservam mais as vogais médias /e/ em posição pretônica, dos que os mais novos. No estudo de Schwindt (1995), não foi selecionado o fator idade para as vogais médias /e/, mas foram selecionadas as variáveis sociolinguísticas escolaridade e localização geográfica. No caso dos fatores linguísticos controlados, o que podemos destacar para efeito comparativo ao nosso estudo é o fato de que no contexto fonológico precedente, a pausa com vogal inicial, que em nosso estudo chamamos de fronteira de palavra, foi o contexto que mais favoreceu o alçamento da vogal /e/. Em nossos resultados, que olham para o não alçamento, percebemos que essa variável está entre as que menos preservam a vogal /e/, com peso relativo de 0,39. Uma ressalva é que nos dados do nosso estudo estão incluídas palavras iniciadas por /ɛ/ seguido de /N/ ou /S/ (ex.: ensino, escola) e que no trabalho de Schwindt (1995) foram retirados da análise, uma vez que o autor considerou, com base em estudos anteriores, que essas palavras possuem elevação quase categórica. Mesmo assim, em nosso trabalho, o fator fronteira de palavra ainda ficou com peso relativo maior do que as dorsais e as nasais. Nesse caso, mesmo com poucas ocorrências, optamos por manter esses dois fatores na rodada, pois tratam-se de palavras diferentes: dorsais (pequeninho, queria, querida) e nasais (necessidade, necessários e necessitando).³²

³² Para efeito de comparação, foi realizada uma nova rodada sem os dados com contextos de /en/ e /es/. O percentual geral de não aplicação (não elevação) nessa nova rodada foi de 47%, ou seja, maior do que o percentual anterior, de 34%, nas rodadas com os dados incluídos. Esse resultado confirma a hipótese de Schwindt, que em Curitiba, esses dados também possuem elevação próxima do categórico.

As líquidas, labiais e oclusivas foram os contextos que mais favoreceram o não alçamento de /e/. Comparando ao trabalho de Schwindt, percebemos que os resultados são equiparáveis, considerando que os contextos que seguraram a elevação de /e/ foram consoantes palatais e alveolares.

No contexto seguinte, a presença de vogal favorece a não elevação de /e/, assim como em Schwindt (1995), onde a vogal teve o menor índice de elevação. Para o autor, essa variável é caracterizada pelas vogais em hiato e o autor infere que “a elevação dessa vogal não é regida pelos mesmos princípios que elevam as pretônicas nos demais contextos, estando, talvez, ligada a itens lexicais específicos” (Schwindt, 1995, p.60).

b) Vogais médias pretônicas com /o/

Para essa variável, foram analisados 741 dados. Na primeira rodada com os dados de vogais médias pretônicas com /o/, foram selecionados os seguintes grupos de fatores: idade, escolaridade, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e acento na vogal alta.

Tabela 4 - Idade:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
50 anos ou mais	162/315	51	0,57
Até 49 anos	159/427	37	0,44
Total	321/741	43	
Input	0,43		
Significância	0,047		

Tabela 5 - Escolaridade

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Ensino Médio	163/330	49	0,55
Ensino Fundamental	158/412	38	0,45
Total	321/741	43	
Input	0,43		
Significância	0,047		

Tabela 6 - Contexto precedente:

fator	aplicação/total	%	peso relativo
Líquida (projeto)	35/41	85	0,90
Demais Fricativas (chovia)	7/8	87	0,89
Fronteira de palavra (hospitais)	3 / 4	75	0,75
Fricativa [s] e [z] (sorvete)	23/40	57	0,65
Dorsais (começaram)	132/260	50	0,58
Coronal oclusiva (dormir)	19/42	45	0,52
Labial (porque)	98/335	29	0,34
Nasais (novidade)	4/11	36	0,25
Total	321/741	43	
Input	0,43		
Significância	0,047		

Tabela 7 - Contexto fonológico seguinte:

fator	aplicação/total	%	peso relativo
Vogal (doente)	18/31	58	0,72
Coronal oclusiva (modelo)	23/40	57	0,67
Demais Fricativas (novidade)	28/41	68	0,64
Nasal (construção)	68/136	50	0,50
Líquida (frigorífico)	92/302	30	0,46
Labial (começou)	60/126	47	0,45
Fricativas [s] e [z] (possível)	24/51	47	0,44
Dorsal (procurado)	8/14	57	0,33
Total	321/741	43	
Input	0,43		
Significância	0,047		

Observamos que há inversão no ranqueamento estabelecido pela porcentagem de aplicação em relação ao peso relativo no que se refere ao fator **dorsal** e os fatores **nasal**, **líquida**, **labial** e **fricativa [s] e [z]**. Verificando a análise binomial fornecida pelo GoldVarb, observamos que a interação se dá com o grupo de fatores **contexto precedente**. Possivelmente, o baixo número de ocorrências para o fator **dorsal** esteja na base da explicação. Optamos por manter os resultados, sem fazer recodificação. Deve-se observar, em favor da manutenção dos resultados aqui apontados, que os demais fatores mantêm, no que se refere ao peso relativo, o mesmo ranking estabelecido pela porcentagem de aplicação.

Tabela 8 - Acento na vogal alta:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Sem acento (movimento)	53/98	54	0,54
Não se aplica (cotovelo)	200/454	44	0,54
Com acento (conjunto)	68/189	35	0,37
Total	321/741	43	
Input	0,43		
Significância	0,047		

Conforme a tabela 4, os informantes mais velhos tendem a preservar mais a vogal média /o/ do que os mais jovens. Esse resultado é diferente do trabalho de Schwindt (1995), onde o fator idade foi selecionado para essa variável e apresentou maior elevação nos informantes acima de 50 anos. Outro fator selecionado foi a escolaridade (tabela 5). Os informantes com maior nível de escolaridade preservam mais do que os que possuem menos anos de estudo. Esse resultado é parecido com o de Schwindt (1995), que apontou a elevação da vogal /o/ inversamente proporcional aos anos de estudo. Schwindt (2002), em um estudo sobre a harmonia vocálica em dialetos do sul do Brasil, retrata uma situação de variação estável, em que não parece haver estigma social com relação às variantes não contempladas pela escrita padrão. O autor observa que o aumento do nível de escolaridade dos informantes traz consigo uma diminuição na taxa de aplicação da harmonia vocálica:

(...) indivíduos que tiveram maior acesso à escrita tendem a aproximar mais sua fala dessa modalidade, ao contrário dos que se expuseram menos a ela. Essa constatação está muito presente na literatura da harmonização vocálica e de outros fenômenos fonológicos que não envolveram (ou que envolvem pouca) consciência por parte do falante. Schwindt (2002, p. 178)

No contexto fonológico precedente, as consoantes líquidas desempenham papel de responsáveis pela não elevação, seguida das demais fricativas (vontade, chove, forçando, chovia) e de fronteiras de palavras (ouro, operários, hospitais e orgulho). Esse resultado também confirma o apresentado em Schwindt (1995), onde os contextos de pausa (vogal inicial) e alveolares são os que menos favorecem a elevação de /o/. Em nossos resultados, as nasais e as labiais são as que mais favorecem a elevação. Para o contexto seguinte o destaque é para as vogais, que apresentam índices mais elevados de não elevação, assim como as oclusivas. As que mais favorecem a elevação são as vogais /o/ seguidas por dorsais e fricativas /s/ e /z/. Esses resultados também se assemelham aos de Schwindt (1995), que teve nas vogais e velares as maiores favorecedoras de preservação, enquanto que alveolares (não líquidas) e palatais favoreciam a elevação.

O acento na vogal alta foi selecionado também como fator relevante para o não alçamento de /o/. Nas palavras com acento na vogal alta, /o/ tende a elevar mais do que em palavras cujo acento não se encontra na vogal alta. Esse fator apenas reforça a hipótese de ocorrência de harmonia vocálica.

c) Vogais médias postônicas com /e/

Para essa variável foram analisados 4051 dados. Na primeira rodada com os dados de vogais médias postônicas com /e/, foram selecionados os seguintes grupos de fatores: idade, escolaridade, contexto fonológico precedente, presença de vogal alta e tipo de sílaba. Como as ocorrências de não finais só eram quatro e em todas elas houve preservação da vogal média /e/, resolvemos retirá-las da rodada.

Tabela 9 - Idade

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
50 anos ou mais	1166/1424	81	0,66
Até 49 anos	1649/2565	64	0,40
Total	2815/3989	70	
Input	0,72		
Significância	0,001		

Tabela 10 – Escolaridade

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Ensino Fundamental	1665/2189	76	0,58
Ensino Médio	1150/1800	63	0,39
Total	2815/3989	70	
Input	0,72		
Significância	0,001		

Tabela 11 – Contexto precedente

fator	aplicação/total	%	peso relativo
Coronal oclusiva (vontade)	990/1249	79	0,57
Labial (sobe)	234/310	75	0,55
Líquida (dele)	798/1163	68	0,50
Fricativas (quase)	640/989	64	0,42
Dorsais (consegue)	153/278	55	0,31
Total	2815/3989	70	

Input 0,72
Significância 0,001

Tabela 12 – Contexto vocálico

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Com vogal alta	606/771	78	0,56
Sem vogal alta	2209/3218	68	0,48
Total	2815/3989	70	

Input 0,72
Significância 0,001

Tabela 13 – Tipo de sílaba

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Sem coda	2435/3372	72	0,52
com coda/s/	375/607	61	0,37
Com coda soante	5/10	50	0,30
Total	2815/3989	70	

Input 0,72
Significância 0,001

Conforme a tabela 9 os informantes mais velhos preservam mais as vogais médias postônicas com /e/, com peso relativo de 0,66. Outro fator extralinguístico selecionado foi a escolaridade, que nesse caso, diferente das pretônicas, os informantes com menor

escolaridade tendem a preservar mais as vogais médias /e/. Os fatores linguísticos selecionados pelo programa estatístico foram o contexto precedente, contexto vocálico e tipo de sílaba. O contexto precedente também foi selecionado em Vieira (2002 e 2009). Em nosso trabalho, que busca olhar para a não aplicação da regra de elevação, percebemos que os contextos de coronal oclusiva e labial são os que mais preservam a vogal /e/, com pesos relativos de 0,57 e 0,55, respectivamente. As líquidas mantêm-se neutras e os contextos que mais favorecem a elevação são as dorsais e as fricativas. Esse resultado é parecido com o de Vieira (2002), onde as fricativas s/z foram as que mais favoreceram a elevação da vogal /e/. Entre as que mais preservaram, estão também as coronais, porém, um detalhe importante é que as dorsais aparecem aqui como preservadoras de /e/. Em Vieira (2009), as coronais oclusivas foram responsáveis pela preservação de /e/, enquanto que os demais segmentos foram motivadores de elevação. Os segmentos como nasais e vogais (ex.: espécie, série, telefone, carnes) foram retirados da análise, pois tinham resultados inferiores a 1%.

Outro fator selecionado foi o contexto vocálico, onde as palavras com vogal alta favoreceram a preservação de /e/, com peso relativo de 0,56, enquanto que as que não possuíam vogal alta tiveram peso de 0,48. Esse resultado é diferente da influência nas pretônicas e também nos trabalhos de Vieira (2002 e 2009), onde a presença de vogal alta favorece a elevação de /e/.

O último fator selecionado foi o tipo de sílaba. De acordo com a tabela 13, as palavras nas quais a vogal /e/ não está em contexto de coda favorecem de forma muito sensível a preservação, com peso relativo de 0,52, próximo ao ponto neutro. As com coda /s/ e coda soante, como em *eles* e *porcentagem* tendem a favorecer a elevação, com pesos relativos de 0,37 e 0,30³³. No trabalho de Vieira (2002), os contextos com coda /s/ e sem coda são favorecedores de elevação, enquanto que os com coda soante com vogais líquidas, como em *revólver* e *nível*, tendem a preservar a vogal /e/. Em Vieira (2009), os resultados foram parecidos com os nossos. As palavras sem coda tiveram valores próximos ao ponto neutro, e as palavras com coda /s/ foram as que mais favoreceram a elevação de /e/. A coda soante, assim como em Vieira (2002) inibiu a elevação.

³³ Os dados de coda soante identificados foram: *porcentagem*, *passagem*, *acontecem*, *garagem*, *embalagem*, *valem e conhecem*.

d) Vogais médias postônicas com /o/

Para essa variável foram analisados 5849³⁴ dados. Na primeira rodada com os dados de vogais médias em postônicas com /o/, foram selecionados os seguintes grupos de fatores: idade, escolaridade, contexto precedente, tipo de sílaba e posição da vogal média na palavra.

Tabela 14 – Idade:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
50 anos ou mais	1862/2386	78	0,68
Até 49 anos	1758/3413	51	0,36
Total	3620/5799	62	
Input	0,64		
Significância	0,001		

Tabela 15 - Escolaridade

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Ensino Fundamental	2271/3371	67	0,57
Ensino Médio	1349/2428	55	0,40
Total	3620/5799	62	
Input	0,64		
Significância	0,001		

Tabela 16 – Contexto precedente

fator	aplicação/total	%	peso relativo
Coronal oclusiva (tudo)	1506/2229	67	0,55
Líquida (outro)	637/941	67	0,54
Dorsais (cinco)	236/353	66	0,53
Nasais (moinho)	334/556	60	0,49
Fricativas (acho)	380/714	53	0,40
Labial (vamos)	357/675	52	0,40
Vogais (usuário)	169/330	51	0,36
Total	3620/5799	62	
Input	0,64		
Significância	0,001		

³⁴ Alguns dados foram retirados das rodadas devido à *Knockouts*, por esse motivo, o total de dados poderá, em alguns casos, apresentar-se diferente dos valores totais apresentados nas tabelas.

Tabela 17 – tipo de sílaba

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Sem coda	3170/5016	63	0,51
Com coda /s/	450/783	57	0,43
Total	3620/5799	62	
Input	0,64		
Significância	0,001		

Tabela 18 – posição da vogal média na palavra

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Terminação de palavra	2836/4400	64	0,51
No sufixo	784/1399	56	0,44
Total	3620/5799	62	
Input	0,64		
Significância	0,001		

Para a variável idade, os informantes mais velhos são os que mais preservam as vogais médias/ o/, com 0,68 de peso relativo, enquanto que os mais jovens tendem a elevar essas vogais, apresentando peso relativo de 0,36. O fator escolaridade também foi selecionado em nosso trabalho, mostrando que informantes com menos anos de estudo tendem a preservar mais, com peso relativo de 0,57, do que os que possuem mais tempo de escolaridade, com peso relativo de 0,40. Em Vieira (2009), o fator social selecionado foi somente a localização geográfica. Em Vieira (2002), não foi selecionado nenhum fator social. Entre os fatores linguísticos selecionados em nosso trabalho, apresentam destaque o contexto precedente, tipo de sílaba e posição da vogal média na palavra.

As sílabas sem coda apresentaram peso relativo próximo ao ponto neutro (0,51) e as com coda/s/ tiveram baixo índice de preservação (peso relativo de 0,43). Em Vieira (2002) os resultados são bastante parecidos, os contextos sem coda possuem índices neutros e os com coda/ s/, favorecem a elevação. Em Vieira (2009), o tipo de sílaba não foi um fator selecionado. Quanto à posição da vogal média na palavra, nossos resultados indicam que no

sufixo, a vogal média não é preservada, com peso relativo de 0,44 e quando a vogal está localizada na terminação da palavra, os resultados apresentam ponto neutro (0,50). Esse fator não foi selecionado nos trabalhos de Vieira (2002 e 2009).

O fator contexto precedente apresentou como destaque para a preservação da vogal média/o/as consoantes oclusivas, líquidas e dorsais, com pesos relativos de 0,55, 0,54 e 0,53, respectivamente. Os demais contextos parecem favorecer a elevação da vogal, principalmente as vogais (0,36), labiais (0,40) e fricativas (0,40). As nasais aproximam-se do ponto neutro (0,49). Nos resultados de Vieira 2009, são também as dorsais as que mais favorecem a preservação da vogal / o/. As coronais oclusivas desempenham papel neutro e os demais segmentos favorecem a elevação. Outro fator selecionado no trabalho de Vieira (2009) foi a presença de vogal alta, no qual a elevação de /o/ foi influenciada pela presença de vogal alta na palavra.

e)Clíticos com /e/

Para essa variável, foram analisados 3269 dados. Como o fator linguístico contexto precedente interfere diretamente no fator clítico³⁵, optamos por fazer duas análises: a primeira, com destaque para o clítico, e a segunda, voltada para avaliar quais os contextos precedentes interferem na preservação da vogal /e/. Dessa forma, testamos se os clíticos realmente se comportam como palavras independentes ou se podem ser comparados com partes de outras palavras.

Na primeira rodada com os dados de vogais médias em clíticos com /e/, foram selecionados os seguintes grupos de fatores: clítico, idade, escolaridade e sexo, conforme demonstram as tabelas a seguir.

³⁵ Sobre a ortogonalidade de fatores Tagliamonte (p.181) diz: “*In order to achieve reliable results using the variable rule program, factor groups must be ‘orthogonal’. This means that factor groups should be independent of each other. They should not be subgroups of each other or supercategories of each other. Tagliamonte (p182) diz que também The worst-case scenario of non-orthogonality is when every token of one thing is the same as another*”. Nos anexos, a tabela 29 apresenta um cruzamento dos fatores clítico x contexto precedente, evidenciando as células vazias.

Tabela 19 - Clítico:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
De	712/934	76	0,71
Me	71/101	70	0,65
Te	18/28	64	0,56
Se³⁶	192/317	60	0,54
Que	831/1680	49	0,42
Em	27/209	12	0,09
Total	1851/3269	56	
Input	0,57		
Significância	0,006		

O clítico *De* teve o maior índice de preservação, com peso relativo de 0,71. *Me*, *Te* e *Se* também demonstraram tendência de preservação, com pesos relativos de 0,65, 0,56 e 0,54, respectivamente. O clítico *Que* ficou com peso relativo de 0,42, favorecendo a ocorrência de elevação da vogal /e/ e o clítico *Em* demonstra elevação praticamente categórica, com peso relativo de 0,09. No trabalho de Guzzo (2010), o clítico com coda teve um percentual bastante alto de elevação (96%), o que pode explicar e reforçar nosso resultado para o baixíssimo índice de preservação no clítico *Em*³⁷.

Esses resultados são parecidos com os da amostra de Brisolará (2008) de Santana do Livramento 2003-5, na qual os clíticos pronominais *Te* e *Me* mostraram-se preservadores da vogal média, enquanto os demais tendem a elevá-la.

³⁶ Nesse trabalho não foi diferenciado [se] pronome de [se] conjunção.

³⁷ Esse resultado pode ser comparado com o comportamento de /en/ nas pretônicas, que é praticamente categórico indicando elevação e, também nas codas soantes das postônicas com /e/, que apresentaram peso relativo para não elevação mais baixos.

Tabela 20 - Idade:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
50 anos ou mais	849/1177	72	0,67
Até 49 anos	1002/2092	47	0,40
Total	1851/3269	56	
Input	0,57		
Significância	0,006		

Os informantes mais velhos tendem a preservar mais do que os mais novos, conforme mostra a tabela 20. Esse resultado também é parecido com o de Brisolara (2008), na amostra de Santana do Livramento 2003-5, no qual os indivíduos de faixas etárias mais jovens utilizavam mais as vogais altas do que os de maior idade.

Tabela 21 - Escolaridade:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Ensino Fundamental	1081/1844	58	0,53
Ensino Médio	770/1425	54	0,45
Total	1851/3269	56	
Input	0,57		
Significância	0,006		

Com relação ao fator escolaridade, os informantes com menos anos de contato com a educação formal tiveram índices maiores de preservação das vogais médias, com peso relativo de 0,53. Quanto mais anos de estudo, menor foi o índice de preservação, apresentando peso relativo de 0,45.

Esse resultado vai ao encontro do verificado na amostra de Santana do Livramento 2003-5 de Brisolara (2008), no qual também foi identificada uma tendência de preservação das vogais médias nos indivíduos com menor escolaridade. Nos dados analisados por Guzzo (2010), na amostra de Flores da Cunha, foram constatados valores menores de elevação nos informantes com maior idade.

Tabela 22 – Sexo:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Homens	930/1503	61	0,53
Mulheres	921/1766	52	0,47
Total	1851/3269	56	
Input	0,57		
Significância	0,006		

Com relação ao gênero, informantes homens mostram-se mais favorecedores de preservação do que as mulheres, como pode ser verificado na tabela 22. Porém, a diferença entre homens e mulheres é de apenas 0,06 de peso relativo, o que não se apresenta muito significativo. Em Guzzo (2010) a variável sexo também foi selecionada e os homens elevaram menos do que as mulheres a vogal /e/, embora a autora tenha considerado que os valores eram aproximados e que não apontavam para nenhuma tendência específica. Em Brisolara (2008), a variável gênero foi selecionada apenas nas amostras de Santana do Livramento (1978 e 2003-5) e os resultados dessas amostras, porém, foram diferentes dos encontrados em Curitiba. O fator masculino foi mais responsável pela elevação das vogais médias /e/ do que o feminino.

Para verificar quais os contextos fonológicos precedentes que estão influenciando na não elevação das vogais médias nos clíticos, fizemos uma nova rodada retirando da análise o fator clítico, por suspeitarmos que estivesse se sobrepondo ao fator contexto precedente. Os resultados estão na tabela 23, que mostra as coronais oclusivas (de e te) como bastante favorecedoras da preservação da vogal /e/, com peso relativo de 0,70, seguidas das labiais (me), com 0,65. As fricativas (se) também possuem leve tendência de preservação, com peso relativo de 0,54, enquanto que as dorsais (que) e as vogais iniciadas por fronteira de palavra (em) tendem à elevação, com pesos relativos de 0,42 e 0,09, respectivamente.

Tabela 23 – Contexto precedente

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
coronal oclusiva (de, te)	730/962	75	0,70
Labial (me)	71/101	70	0,65
Fricativa (se)	192/317	60	0,54
dorsal (que)	831/1980	49	0,42

fronteira de palavra (em)	27/209	12	0,09
Total	1851/3269	56	
Input	0,57		
Significância	0,007		

f) Clíticos com /o/

Para essa variável, foram analisados 1189 dados. Na primeira rodada com os dados de vogais médias em clíticos com /o/, foram selecionados os seguintes grupos de fatores: clítico, idade e escolaridade.

Como é possível verificar na tabela 24, todos os clíticos com vogais médias /o/ foram favorecedores de não elevação, com exceção do clítico *Com*, que não apresentou variação. Ele teve peso relativo de 0,09, demonstrando elevação praticamente categórica, ou seja, realizando-se como *cum ~cũ*. O clítico que apresentou maior índice de preservação foi o *Do*, com peso relativo de 0,73.

Optamos por não amalgamar os clíticos *No* e *Nos*, bem como *Pro* e *Pros*, para que pudéssemos verificar como se comportam individualmente. Mais adiante, apresentaremos, na tabela 27, uma análise das vogais médias /o/ retirando da rodada o fator clítico e verificando o fator contexto precedente.

Para os clíticos com vogal /o/ não foi possível comparar o fator tipo de clítico com o trabalho de Brisolara (2008), pois a autora apresenta os clíticos –lo(s),-o,-nos, de forma amalgamada. O trabalho de Guzzo (2010) não traz dados de clíticos com vogal /o/.

Tabela 24 - Clítico:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Do	283/364	77	0,73
Nos	14/20	70	0,65
Pro	53/78	67	0,63
Pros	27/209	12	0,59
No	203/313	64	0,56
Por	78/135	57	0,55

Dos	17/31	54	0,52
Com	29/236	12	0,09
Total	685/1189	57	
Input	0,57		
Significância	0,000		

Observamos que há inversão no ranqueamento estabelecido pela porcentagem de aplicação em relação ao peso relativo no que se refere ao fator **pros** e os fatores **no**, **por** e **dos**. Reconhecemos que nesta análise praticamos o que Paolillo (2002, p. 46) chama de “*overcoding*”, ou seja, propusemos um número maior de fatores do que provavelmente seja necessário. Já que ainda não temos análises sobre o clítico em Curitiba, o nosso estudo tem caráter exploratório e, nesse caso, a prática de propor um número maior de categorias analíticas é justificada. Em análises futuras, esse grupo de fatores certamente deverá ser recodificado, o que poderá também esclarecer a inversão observada.

O segundo fator selecionado para os clíticos com /o/ foi a idade. Nesse caso, pode-se verificar que, assim como nos resultados das vogais médias /e/, os informantes mais velhos tendem a preservar mais do que os mais jovens, como mostra a tabela 25. O fator idade também apareceu nos dados de Brisolara (2008) para a amostra de Santana do Livramento 2003-5. É importante destacar que, naquele estudo, o fator faixa etária estava dividido em três níveis: indivíduos de 16 a 25 anos, de 26 a 49 anos e a partir de 50 anos. Os resultados de Brisolara (2008) mostram que os informantes mais velhos, são menos favorecedores de elevação e os das demais faixas etárias mais jovens tendem a elevar as vogais médias.³⁸

Tabela 25 - Idade:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
50 anos ou mais	388/510	76	0,71
Até 49 anos	297/679	43	0,33
Total	685/1189	57	
Input	0,57		
Significância	0,000		

³⁸ Em Brisolara (2008), não foram realizadas rodadas separadas com as vogais médias /e/ e /o/, nos clíticos, como fizemos em nosso trabalho. Portanto, esses resultados apresentados são os mesmos dos clíticos com vogais /e/.

O último fator selecionado para as vogais /o/ nos clíticos foi a escolaridade. Muito parecido com os resultados da vogal /e/, os indivíduos com menos escolaridade tendem a preservar mais do que os que possuem mais anos de convívio escolar, com pesos relativos de 0,53 e 0,45, respectivamente, como mostra a tabela 26. A escolaridade também foi selecionada na amostra de Santana do Livramento 2003-5 em Brisolara (2008) e foi também verificada uma tendência de preservação das vogais médias nos indivíduos com menos anos de escolaridade.

Tabela 26 - Escolaridade:

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Ensino Fundamental	420/692	60	0,53
Ensino Médio	265/497	53	0,45
Total	685/1189	57	
Input	0,57		
Significância	0,000		

Para verificarmos o fator contexto precedente nos clíticos com /o/, foi realizada uma nova rodada, retirando o fator clítico. Nesse novo resultado, foram selecionados novamente os fatores idade e escolaridade.

Tabela 27 – Contexto Precedente

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Oclusivas (do, dos)	300/395	75	0,71
Líquidas (pro, pros)	60/88	68	0,63
Nasais (no, nos)	217/333	65	0,57
Labiais (por)	79/137	68	0,55
Dorsais (com)	29/236	12	0,09
Total	685/1189	57	
Input	0,57		
Significância	0,000		

Como pode ser observado na tabela 27, somente as dorsais apresentaram valores baixíssimos de preservação. Nesse caso, só foi encontrado o clítico *com* com esse contexto precedente, e, como já foi exposto, ele demonstra elevação categórica para a vogal/o/, parecendo ser uma palavra com representação diferente para o falante. As oclusivas alveolares (do e dos) são os contextos que mais favorecem a preservação, com peso relativo de 0,71, seguidas das líquidas (pro e pros), nasais (no e nos) e labiais (por). Na nova rodada, o fator escolaridade apresentou uma pequena diferença de pesos relativos e, por esse motivo, decidimos apresentar os novos resultados na tabela 28.

Tabela 28 - Escolaridade

Fator	aplicação/total	%	peso relativo
Ensino Fundamental	420/692	60	0,55
Ensino Médio	265/497	53	0,42
Total	685/1189	57	
Input	0,57		
Significância	0,000		

Em relação aos resultados da rodada anterior, o peso relativo dos informantes de ensino fundamental teve uma sensível alteração, indicando um aumento na não elevação, de 0,53 para 0,55. Já os informantes de ensino médio apresentaram um peso relativo que indica um valor mais próximo da elevação, de 0,45 para 0,42.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou o percentual de não alçamento das vogais médias /e/ e /o/ pretônicas, postônicas e em clíticos. Os percentuais são diferentes entre esses três contextos, as taxas de não alçamento das vogais médias são maiores nas postônicas e nos clíticos do que nas pretônicas. Em nossa análise, as vogais /o/ pretônicas preservam 43%, percentual maior do que as vogais /e/, com 34%. Nos clíticos, esses percentuais sobem para 57% para /o/ e 56% para /e/. Apenas nas postônicas, as vogais /e/ possuem taxas de não elevação maiores do que as vogais /o/. São também as postônicas que apresentam os maiores percentuais gerais de não elevação das vogais médias, 62% para /o/ e 70% para /e/. Nos clíticos, os percentuais não diferem tanto entre /e/ e /o/ e esses valores permitem inferir que, nessa comunidade de fala, diferente do que foi exposto nos trabalhos anteriores sobre essas palavras, os clíticos não apresentam tendência de elevação.

No caso das vogais médias em pretônicas, fatores linguísticos parecem estar agindo para influenciar contra o não alçamento. Fica evidenciada pelo papel exercido por vogal alta seguinte às pretônicas com /o/ a existência do fenômeno de harmonia vocálica. Por outro lado, os contextos precedentes, principalmente de consoantes líquidas, tanto em /e/ quanto em /o/, como em (*precisando* e *projeto*) são os que mais favorecem a não elevação. Nos contextos fonológicos seguintes à presença de uma vogal (*veado*, *doente*) faz com que as vogais médias sejam preservadas em /e/ e /o/ e as dorsais (*pequeno*, *procurado*) possuem pesos relativos mais próximos de elevação.

Para as postônicas, os fatores linguísticos selecionados foram os contextos fonológicos precedentes, contextos vocálicos, tipo de sílaba e posição da vogal na palavra, principalmente na vogal /o/. As coronais oclusivas (*vontade*, *tudo*) são as maiores favorecedoras de não alçamento, enquanto dorsais (*porque*) e vogais (*usuário*) são os contextos que menos favorecem a preservação em /e/ e /o/, respectivamente. As sílabas sem coda são as que apresentam índices mais favoráveis ao não alçamento, embora nas duas vogais, apresentem pesos relativos um pouco acima de 0,50, ou seja, muito próximas do ponto neutro. Para a vogal /o/, a posição da vogal em terminação de palavra foi mais favorecedora à não elevação do que no sufixo.

Quanto aos clíticos, na análise dos fatores linguísticos que influenciam a preservação das vogais médias, o próprio clítico foi selecionado. *De*, *me*, *te* e *se*, assim como *do*, *nos*, *pro*,

pros, no, por e *dos* foram os clíticos que tiveram índices maiores de não elevação. *Em* e *Com* não apresentaram variação, com valores categóricos de elevação, desencadeada pela nasal seguinte.

Deixamos como sugestão para um trabalho futuro descobrir se a coda silábica está atuando em clíticos como *dos, pros,* e *nos,* que possuem pesos relativos diferentes de *do, pro* e *no.*

Constatamos também que os fatores extralinguísticos, como idade, sexo e escolaridade são importantes condicionadores da variação tanto em clíticos, quanto nas pretônicas e postônicas. Entre os fatores sociais selecionados como importantes na interferência do fenômeno estudado está a idade, em todos os contextos (pretônicas, postônicas e clíticos, com /e/ e com /o/). Em todos os casos, os informantes mais velhos são os que mais preservaram as vogais médias e, no caso dos clíticos, esses valores de não alçamento são maiores do que nos demais contextos. Em segundo lugar, nos fatores sociais está a escolaridade, que aparece, de modo geral, como favorecedora de não elevação nos indivíduos com menos anos de estudos formais. O único contexto em que a escolaridade não foi selecionada foi o das pretônicas com /e/. E, no caso das pretônicas com /o/, ao contrário dos resultados esperados, os indivíduos com mais anos de escolaridade foram os que mais preservaram a vogal média. O fator condicionante sexo só foi selecionado para os clíticos com /e/ e o resultado é parecido com o de outros estudos, que mostram que os homens preservam mais as vogais médias do que as mulheres.

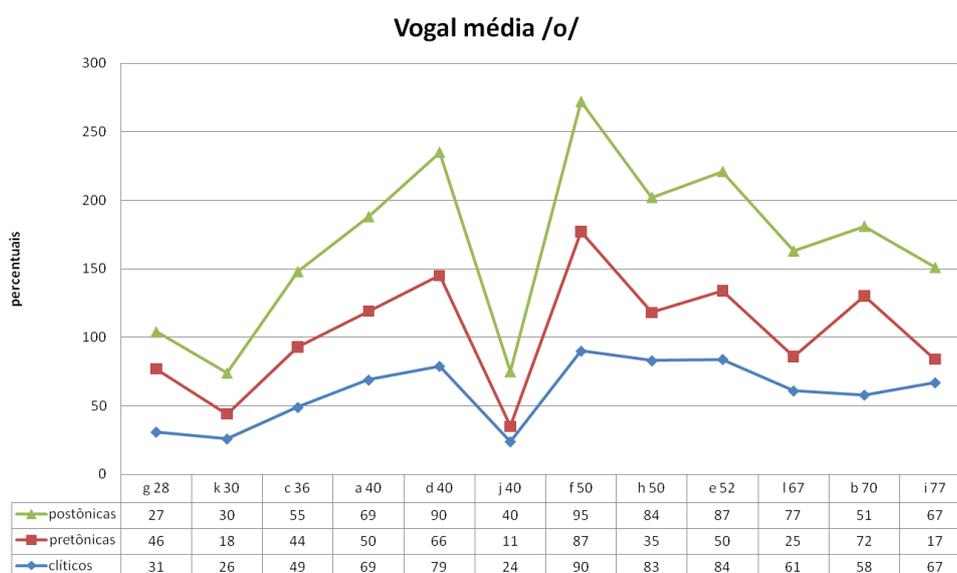
Em nosso trabalho, podemos concluir, também, que o próprio fator geográfico, a cidade de Curitiba, exerce papel importante para o fenômeno de não alçamento das vogais médias /e/ e /o/, principalmente quando olhamos para nossos resultados e comparamos com os de estudos anteriores.

Com base nos resultados, podemos inferir que o comportamento das vogais médias nas postônicas parece estar exercendo maior papel de destaque para o não alçamento do que nos clíticos e nas pretônicas. Porém, entre as hipóteses iniciais, havia a de que os clíticos eram os que mais favoreciam o não alçamento nas vogais médias; esta hipótese não foi confirmada, uma vez que esses percentuais ficaram somente um pouco acima dos valores neutros, para o fator de aplicação.

Finalmente, entende-se como uma das maiores considerações deste trabalho, o papel de destaque do informante na não elevação das vogais médias na comunidade de fala estudada.

Pelos gráficos 4 a 7, apresentados no início do capítulo 6, percebe-se que existe uma forte influência de alguns informantes nos resultados gerais da amostra, como pode ser observado no gráfico 7, com relação aos informantes, k, j, d e f, por exemplo. Por coincidência, os informantes que fazem os maiores desvios de padrão são os que foram selecionados somente em nossa amostra e não compõem as amostras de estudos anteriores sobre essa comunidade de fala. Eles seguem a mesma curva de comportamento em cada um dos contextos estudados, ou seja, o indivíduo que possui altos percentuais de não elevação nas pretônicas mantém esse padrão nos clíticos e nas postônicas, e também não realiza diferenciações consideráveis de comportamento entre as vogais /e/ e /o/.

Gráfico 7:



Com base nos dados apresentados, bem como considerando essas informações, seria válida a proposta de uma nova coleta ou recontato com parte desses informantes, uma vez que, passados aproximadamente 20 anos da coleta, seria interessante verificar se a grande mudança cultural e social de uma cidade que cresceu em mais de 500 mil habitantes pode representar uma interferência na fala dos informantes, se existem pistas de que o processo de mudança linguística está em evolução ou continua estável, mesmo com a cidade cosmopolita.

8. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Mário Marcondes de. Curitiba que o meu tempo guarda. Edição do autor, 3ª edição ampliada. Curitiba, 1998.

ALKMIN, Tânia e CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda, BENTES, Anna Christina. Introdução à Linguística 1. Domínios e Fronteiras. São Paulo, 2005.

BATTISTI, Elisa, VIEIRA, Maria José Blaskovski. O Sistema Vocálico do Português. In: BISOL, Leda (ORG). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. 2ª edição Edipucrs. Porto Alegre, 1999.

BISOL, Leda. O clítico e seu hospedeiro. In: Letras de Hoje n 141. Edipucrs. Porto Alegre, 2005.

BISOL, Leda. Neutralização das átonas. In: D.E.L.T.A. Porto Alegre, 2003.

BISOL, Leda e COLLISCHONN, Gisela. O Alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: Português no sul do Brasil: Variação fonológica. Porto Alegre, 2009

CALLOU, Dinah, MORAES, João e LEITE, Yonne. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. DELTA vol.14. São Paulo 1998

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução Crítica. Parábola Editorial. São Paulo, 2002.

COLLISCHONN, Gisela. Fonologia do Português brasileiro, da sílaba à frase. Instituto de Letras UFRGS. Porto Alegre, 2006.

GARCEZ, Luiz Armando. Curitiba Evolução Urbana. Imprensa Universitária. Curitiba, 2006.

GUY, Gregory. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões linguísticos, *Organon*, 2000.

GUY, Gregory e ZILLES, Ana. Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de Análise. Parábola Editorial. São Paulo, 2007.

GUZZO, Natália Brambatti. A Elevação da Vogal Média Anterior Átona em Flores da Cunha. Caxias do Sul, UCS, 2010.

KLUNCK, Patrícia. Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente. Porto Alegre, PUC-RS, 2007.

KNIES, Clarice B. e COSTA, Iara B. Manual do usuário do Banco de dados Linguísticos VARSUL. UFPR, UFRGS, UFSC e PUC-RS, 1996.

LABOV, William. Padrões Sociolinguísticos. Parábola Editorial. São Paulo, 2008.

LABOV, William 2008. Quantitative Reasoning in Linguistics. University of Pennsylvania.

LABOV, William. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARTINS, Romário. História do Paraná. Travessa dos Editores. Curitiba, 1995.

MENDONÇA, Dante. Curitiba Melhores Defeitos Piores Qualidades. Bernúncia Editora. Florianópolis, 2009.

ONOFRE, Diana Pilatti. Trabalhando com o GoldVarb 2001. Disponível em: <http://www.slideshare.net/dianapilatti/trabalhando-com-goldvarb-2001-diana-pilatti-onofre>

Data de acesso: 09/01/10

PAOLILLO, John C. *Analyzing Linguistic Variation: Statistical Models and Methods*. Stanford: CSLI, 2002.

PATRICK, Peter L. *The Speech Community*. In: *The Handbook of Language Variation and Change*. J. K. Chambers (Editor), Peter Trudgill (Editor), Natalie Schilling-Estes (Editor) Wiley-Blackwell. EUA, 2004

SCHWINDT, L.C.S. *A regra variável de harmonização vocálica no RS*. In: BISOL, Leda (org.) *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Edipucrs. Porto Alegre, 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Mudar a Cidade*. Bertrand Brasil. São Paulo, 2002.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. Editora Ática. São Paulo, 1986.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *As vogais médias átonas – Uma análise variacionista*. In.: BISOL, L., BRESCANCINI, C.R. (Orgs.). *Fonologia e Variação: Recortes do português brasileiro*. P. 2002.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *As vogais médias átonas nas três capitais do sul do país*. In: BISOL, Leda, COLLISCHONN, Gisela (orgs.). *Português do Sul do Brasil – Variação fonológica*. Edipucrs. Porto Alegre, 2009.

WACHOWICZ, Ruy. *História do Paraná*. 3ªed, Editora Gráfica Vicentina. Curitiba, 1972.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William, HERZOG, Marvim. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. Parábola Editorial. São Paulo, 2006.

ZANETTI, Eloi. *Mudou Curitiba ou mudei eu?*. Edição do Autor. Curitiba, 2011.

Retrato da grande Curitiba. Editora Gazeta do Povo. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/retratocuritiba/>>, Data de acesso: 09/01/2010

Curitiba no século XXI – O Perfil da cidade disponível em:

www.jornalcomunicacao.ufpr.br/. Data de acesso: 10/01/2010

IBGE <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=410690#> Data de acesso:

08/01/12

9.ANEXOS

Tabela 29 - Cross Tab de Clíticos com contexto precedente para as vogais médias /e/

CROSS TABULATION

Cell file: I:\Larissa\resultados dissertação\cliticos_e\cells cliticos_e.cel
 # Conditions: I:\Larissa\resultados dissertação\cliticos_e\condicoes clitico_e.cnd

Group #4 -- horizontally.
 Group #5 -- vertically.

	k %	d %	f %	l %	# %	.	%
!0:	831 49:	0 --:	0 --:	0 --:	0 --:	831 49	
-:	849 51:	0 --:	0 --:	0 --:	0 --:	849 51	
::	1680	: 0	: 0	: 0	: 0	1680	
@ 0:	0 --:	712 76:	0 --:	0 --:	0 --:	712 76	
-:	0 --:	222 24:	0 --:	0 --:	0 --:	222 24	
::	0	: 934	: 0	: 0	: 0	934	
\$ 0:	0 --:	18 64:	0 --:	0 --:	0 --:	18 64	
-:	0 --:	10 36:	0 --:	0 --:	0 --:	10 36	
::	0	: 28	: 0	: 0	: 0	28	
* 0:	0 --:	0 --:	192 61:	0 --:	0 --:	192 61	
-:	0 --:	0 --:	125 39:	0 --:	0 --:	125 39	
::	0	: 0	: 317	: 0	: 0	317	
% 0:	0 --:	0 --:	0 --:	71 70:	0 --:	71 70	
-:	0 --:	0 --:	0 --:	30 30:	0 --:	30 30	
::	0	: 0	: 0	: 101	: 0	101	
; 0:	0 --:	0 --:	0 --:	0 --:	27 13:	27 13	
-:	0 --:	0 --:	0 --:	0 --:	182 87:	182 87	
::	0	: 0	: 0	: 0	: 209	209	
· 0:	831 49:	730 76:	192 61:	71 70:	27 13:	1851 57	
-:	849 51:	232 24:	125 39:	30 30:	182 87:	1418 43	
::	1680	: 962	: 317	: 101	: 209	3269	